

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

Paola Nery de Carli

OUTROS CARNAVAIS: FOLIA E CONFLITO NO CARNAVAL DE SANTA
RITA DO SAPUCAÍ -MG (1932-1980)

Juiz de Fora

2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

Outros carnavais: Folia e conflito no carnaval de Santa Rita do Sapucaí-MG
(1932-1980)

Paola Nery de Carli

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. Ronaldo Pereira de Jesus

Juiz de Fora
2019

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Carli, Paola Nery de.

Outros carnavais: : Folia e conflito no carnaval de Santa Rita do Sapucaí-MG (1932-1980) / Paola Nery de Carli. -- 2019.

83 f.

Orientador: Ronaldo Pereira de Jesus

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. Programa de Pós Graduação em História, 2019.

1. Santa Rita do Sapucaí. 2. Carnaval. I. Jesus, Ronaldo Pereira de, orient. II. Título.

PAOLA NERY DE CARLI

**OUTROS CARNAVAIS: FOLIA E CONFLITO NO CARNAVAL DE
SANTA RITA DO SAPUCAÍ-MG (1932-1980)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do grau de Mestra em História.

Dissertação defendida e aprovada em 25/02/2019



Prof. Dr. Ronaldo Pereira de Jesus
Universidade Federal de Juiz de Fora



Prof. Dr. Rodrigo Christofolletti
Universidade Federal de Juiz de Fora



Profª. Drª. Lívia Nascimento Monteiro
Centro Universitário Celso Lisboa/RJ

*A nossa vida é um carnaval
A gente brinca escondendo a dor
E a fantasia do meu ideal
É você, meu amor
[...]*

*Vê colombinas azuis a sorrir laia
Vê serpentinas na luz, reluzir
Vê os confetes do pranto no olhar
Desses palhaços dançando no ar
Vê multidão colorida a gritar lará
Vê turbilhão dessa vida passar
Vê os delírios dos gritos de amor
Nessa orgia de som e de dor
La lalaia lalaia lalaia
- Moacyr Franco*

IMAGENS

- Imagem 01** – Vista parcial da cidade da década de 1930
- Imagem 02** – Corso na saída da cidade no ano de 1923
- Imagem 03** – Bloco Hora H em 1938
- Imagem 04** – Diretoria do Bloco dos Democráticos em 1935
- Imagem 05** – Formação do Bloco dos Democráticos em 1935
- Imagem 06** – Bloco Ride Palhaço em 1936
- Imagem 07** – Fachada do Clube Santarritense
- Imagem 08** – Bloco Mimosas Cravinas
- Imagem 09** – Localização geográfica do percurso feito pelos blocos
- Imagem 10** – Desfile Mimosas Cravinas em 1974
- Imagem 11** – Desfile dos Sambistas do Morro em 1974
- Imagem 12** – Carnaval de 1975
- Imagem 13** – Maria Bonita desfila pelo Mimosas Cravinas
- Imagem 14** – Maria Bonita desfila pela Escola de samba Azul e Branco
- Imagem 15** – Diretoria da Associação José do Patrocínio
- Imagem 16** – Discurso da Rainha do Baile
- Imagem 17** – 13 de maio, década de 1970
- Imagem 18** – Baile na Associação José do Patrocínio
- Imagem 19** – Casamento na Associação José do Patrocínio
- Imagem 20** – Carlos Lacerda e Magalhães Pinto em Santa Rita

Sumário

APRESENTAÇÃO	09
INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO I: Fronteiras da festa: Carnavais da elite na década de 1930 e 1940...	19
1.1 - A cidade de Santa Rita do Sapucaí e os carnavais da década de 1930.....	19
2.1 - Ride Palhaço e Bloco dos Democráticos: a construção de uma rivalidade.....	26
3.1 - Quem “venceu?” O Ride? O Demo? Como se um pudesse vencer, sem o concurso do outro... Quem venceu foi o carnaval santarritense.”	33
4.1 -Club Santarritense: espaço de lazer e divertimento da elite santarritense	37
CAPÍTULO II: Manifestações negras: o bloco carnavalesco Mimosas Cravinas....	42
2.1 - Das Mimosas Cravinas as Escolas de Samba: a transição da cultura negra na folia na carnavalesca.....	55
CAPÍTULO III: A Associação José do Patrocínio: seus usos e práticas sociais.....	59
3.1 - Quadro administrativo e diretrizes da Associação José do Patrocínio.....	62
3.2 - Solenidades oficiais - O 1º e o 13 de Maio.....	66
3.3 – Bailes, identidade negra e folias carnavalescas na Associação José do Patrocínio.....	69
3.4 - Alianças e aproximações em meio a festividade.....	73
CONCLUSÃO	78
FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	80

AGRADECIMENTOS

O carnaval de Santa Rita me acompanha desde criança. Lembro de debruçar sobre a varanda da casa do meu avó para ver os blocos passarem... confetes, serpentinas e as músicas que ainda estão na memória. A escolha do tema de pesquisa portanto, começou com um apelo sentimental. “*Ride Palhaço*” desde pequena, me descobri apaixonada pelos outros blocos, outros carnavais... Entretanto, a partir do momento em que ingressei na graduação, o carnaval passou também a ser visto como um campo de disputas a ser estudado. Da iniciação científica a dissertação de mestrado, conheci histórias que mudaram minha forma de encarar a festa. Agradeço aos professores que estiveram nesse percurso. Aproveito para agradecer meu orientador e aos membros da banca pelos pertinentes apontamentos.

Manoela, Leandra, Giovanni, Diego e Isabelle, vocês acompanharam todo esse processo: desde meu primeiro ano sozinha em Juiz de Fora e as muitas adversidades daquele ano, até as dificuldades da escrita da dissertação. Sem vocês, eu não teria força, obrigada.

RESUMO: A presente pesquisa possui como objetivo central analisar os múltiplos carnavais da cidade de Santa Rita do Sapucaí, situada no sul do estado de Minas Gerais, entre os anos de 1932 a 1980. Campo de trocas múltiplas, tensões e conflitos entre os diferentes grupos sociais que compartilhavam da festa, coube a pesquisa observar as diversas formas de organização e participação a partir de três blocos carnavalescos: Mimosas Cravinas, Bloco dos Democráticos e Ride Palhaço. O Bloco Mimosas Cravinas era frequentado pelas camadas populares majoritariamente os negros da cidade, enquanto os blocos Ride Palhaço eram financiados pelas tradicionais famílias e comerciantes. Ao analisar suas práticas, nos detemos também aos espaços institucionalizados onde ocorriam os bailes de carnaval e demais atividades de lazer e políticas dos blocos: a Associação José do Patrocínio e o Club Santarritense. A baliza temporal da pesquisa, inicia-se no ano de 1932 quando são encontradas as primeiras notícias do bloco Mimosas Cravinas, perpassa a construção de sua sede em 1954 e encerra-se em 1980, quando o bloco deixa as lides pagãs para dar lugar as Escolas de Samba.

PALAVRAS-CHAVE: Santa Rita do Sapucaí, memória, cidade.

ABSTRACT: The main objective of this research is to analyze the multiple carnivals of the city of Santa Rita do Sapucaí, located in the south of the state of Minas Gerais, from 1932 to 1980. Field of multiple exchanges, tensions and conflicts between the different social movements groups that shared the party, the research observed the diverse forms of organization and participation from three carnival blocks: Mimosas Cravinas, Bloco dos Democráticos and Ride Palhaço. The block Mimosas Cravinas was frequented by the popular layers mostly blacks of the city, while the Ride Palhaço and Democráticos blocks were financed by the traditional families and local merchants. In analyzing their practices, we also dwell in the institutionalized spaces where carnival balls and other leisure activities and political activities took place: the José do Patrocínio Association and the Club Santarritense. The temporal mark of the research begins in 1932 when the first news of the Mimosas Cravinas block is found, runs through the construction of its headquarters in 1954 and ends in 1980, when the block leaves the pagan lines to give place to the Samba schools.

KEY-WORDS: Santa Rita do Sapucaí, memory, carnival.

APRESENTAÇÃO

Por muitos anos, uma das principais perguntas que rondava as conversas entre conhecidos na cidade era: “você é Ride ou Demo?”. Dependendo da resposta, seguia-se uma acalorada discussão envolvendo os blocos carnavalescos da cidade, Ride Palhaço e Bloco dos Democráticos. Ambos criados na década de 1930, entre idas e vindas arregimentaram diversas famílias tradicionais que se envolviam diretamente em seus desfiles e bailes. Ao longo de seus mais de oitenta anos de existência construíram entre si uma rivalidade latente: famílias deixavam de se falar, brigas entre vizinhos eram comuns e disputas entre seus membros alteravam o cotidiano da cidade nos dias próximos à folia. Para muitos, os três dias de carnaval na cidade de Santa Rita do Sapucaí se resumiam aos dois blocos.

A investigação traçada nessa pesquisa, portanto, teve como ponto de partida os dois blocos. Pensar suas características centrais, suas formas de organização e os grupos envolvidos foram as primeiras preocupações ainda na iniciação científica, e que foram aprofundadas na dissertação de mestrado. Com o contato com as fontes, disponíveis em acervos particulares da cidade, além dos dois blocos, outras histórias foram se destacando como a do bloco Mimosas Cravinas, formado pelas camadas populares, principalmente pelos negros, em meados dos anos de 1920¹. A partir da análise de nossas fontes e das reflexões proporcionadas pela bibliografia especializada levantamos alguns questionamentos: qual era o perfil da festa na cidade? Quais os significados e experiências para os diferentes grupos envolvidos na folia?

Para responder essas questões, nossa análise recaiu sobre os três blocos – Ride Palhaço, Mimosas Cravinas e Bloco dos Democráticos – que perduraram sua história por mais tempo na cidade, em comparação com aqueles que desfilaram por poucos anos e nos deixaram poucos vestígios para investigação. Contudo, a escolha dos três blocos não se restringiu à quantidade de fontes disponíveis e sim, por conta da relação estabelecida entre eles: ora de rivalidades latentes, ora de aproximações e negociações.

Nesse sentido, a pesquisa sobre a festa de carnaval na cidade partiu da primeira publicação encontrada nos jornais no ano de 1932, referente ao bloco Mimosas Cravinas, e percorreu os anos 1934 e 1935, com a fundação dos blocos Ride Palhaço e Bloco dos Democráticos, respectivamente. O final da pesquisa foi delimitado no ano de 1980, portanto, foi necessário interpretar a festa de acordo com as diferentes conjunturas nas quais ela se inseriu durante esses anos. Buscaram-se as permanências e rupturas nesses desfiles.

¹ COSTA, Jonas. A rainha operária e sua colmeia negra. Joinville : Clube dos autores, 2010, p.47.

Em um primeiro momento, investigamos os jornais da imprensa local, que se encontram no Arquivo do Centro de Memória do Instituto Nacional de Telecomunicações – Inatel, de Santa Rita do Sapucaí. Os jornais *O Correio do Sul* (1932-1967); *O Correio* (1968-1980); *Aço Verde* (1936) e *Santa Rita Jornal* (1931-1936) relataram em seus noticiários assuntos relativos ao carnaval da cidade. Entre os meses de janeiro e março eram comuns alusões ao carnaval, o que nos possibilitou perceber as interações e conflitos entre eles e os diferentes sujeitos sociais que dele participaram. Nesse sentido, destacamos como a imprensa representou o festejo: quais sujeitos sociais foram destacados e como foram representados os demais blocos da cidade que não galgaram tanta fama e prestígio.

Os próprios jornais em suas matérias, destacaram em grande parte os carnavais dos blocos Ride Palhaço e Bloco dos Democráticos baseados nos préstitos carnavalescos. Assim, entendemos que a imprensa “seleciona, ordena, estrutura e narra, de uma determinada forma, aquilo que se elegeu como digno de chegar até o público”². Segundo Zélia Lopes, “os noticiários jornalísticos, em sintonia com algumas representações que vigoraram no social, destacaram, em regra, o “carnaval elegante” praticado pelas elites, nos clubes e nas avenidas da cidade”.³

Esse padrão carnavalesco incentivado pela imprensa santarritense e adotado pelos blocos Ride Palhaço e Bloco dos Democráticos, nem sempre foi aceito e copiado por todos os foliões. Nesse sentido, adentrar outros cenários é importante pois a festa é vivida e experimentada por sujeitos sociais diferentes, auxiliando na construção de identidades múltiplas.

Por isso, além dos jornais, examinamos os seguintes livros de memórias: *Crônicas das casas demolidas*, de Cyro de Luna Dias, *O menino do balaio*, de Augusto José de Carvalho, *Cartas para Glorinha*, de Marly Barbosa Fontes e, por fim, de Ivon Luiz Pinto, o livro *Pioneiros Visionários – Fragmentos da História de Santa Rita do Sapucaí*. Os autores citados utilizam uma abordagem que visa enaltecer a cidade e seus grandes nomes, mas também nos trazem indícios e diversas visões sobre a relação da elite com as camadas populares da cidade.

Nesse exercício de análise dos três blocos, as fotografias foram importantes referências para nossa reflexão. Os blocos Ride Palhaço e Bloco dos Democráticos, ao longo dos anos, acumularam em acervos particulares diversos uma vasta gama de fotografias. Durante a

² LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos Periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi. Fontes Históricas, 2.ed. São Paulo: Contexto, 2008, p.139.

³ SILVA, Zélia Lopes. Os carnavais de rua e dos clubes na cidade de São Paulo: metamorfose de uma festa (1923-1938). São Paulo: Editora da Unesp, 2008, p.31.

pesquisa, foram encontradas mais de duzentas fotografias dos dois blocos entre os anos de 1930 e 1980. Entretanto, para análise, priorizou-se os seus primeiros registros. Já as fotografias do bloco Mimosas Cravinas são escassas e as que foram encontradas, foram reproduzidas e analisadas nessa dissertação.

Além dos desfiles de rua, também nos dedicamos a entender os espaços institucionalizados onde aconteciam os bailes carnavalescos dos blocos. O Club Santarritense, espaço da elite da cidade onde eram realizadas as festas dos blocos Ride Palhaço e Democráticos, e a Associação José do Patrocínio, espaço de congregação dos negros da cidade e dos festejos carnavalescos do bloco Mimosas Cravinas. Dessa maneira, a hierarquia estabelecida no carnaval da cidade englobava também as relações raciais.

Diante disso, nosso olhar se deslocou também para os documentos produzidos pela própria Associação como os estatutos e fotografias obtidos em seu arquivo. As fotografias retratavam os bailes, as festas, cerimônias e o perfil dos frequentadores. Carlos José Ferreira dos Santos⁴ nos alerta que as fotografias, assim como as demais fontes, não servem para ilustrar concepções previamente estabelecidas, mas para contrapor omissões e silêncios dos que descreveram ou fotografaram a população.

Nisto reside a importância de nossos depoentes pois, através da História Oral, compreendemos o cotidiano, as práticas e resistências enfrentadas por essas pessoas em meio ao espaço da festa, uma vez que ao lembrar “ele incorpora não só o lembrado no plano da memória pessoal mas também o que foi preservado ao nível de uma memória social, partilhada, ressignificada, fruto de uma sanção e de um trabalho coletivo.”⁵

Dessa maneira, o primeiro capítulo buscou traçar o perfil do carnaval brincado nas décadas de 1930 e 1940, a partir do uso da imprensa e dos registros dos blocos Ride Palhaço e Bloco dos Democráticos. Posteriores ao curso, os dois blocos oficializaram-se como os mais importantes na cidade pois seus desfiles estavam em consonância com a concepção de desfile-espetáculo baseado no carnaval europeu. Ainda nesse capítulo, abordamos o Clube Santarritense, sede dos bailes carnavalescos desses dois blocos.

Entendemos que, mesmo com a tentativa de homogeneização da folia pelo poder público, os diferentes sujeitos sociais apropriaram-se e significaram de maneiras distintas o festejo. Nesse sentido, o segundo capítulo concentrou-se na trajetória do bloco Mimosas Cravinas. De seus primeiros indícios na década de 1930 aos seus desfiles no decorrer dos anos,

⁴ DOS SANTOS, Carlos José Ferreira. *Nem tudo era italiano. São Paulo e pobreza (1890-1915)*. São Paulo: Fapesp/AnnaBlume, 1998.

⁵ PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e História Cultural*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008, p.95.

procurou-se responder: quais os espaços do negro no carnaval e na cidade? Como esses se representavam na folia? E como eram vistos pela sociedade mais ampla?

Por fim, o terceiro e último capítulo debruçou-se sobre os usos e práticas da Associação José do Patrocínio, sede dos carnavais do Mimosas Cravinas e de outras atividades de lazer e políticas das camadas populares na cidade. A partir das fotografias, estatutos, depoimentos e da imprensa procurou-se analisar as estratégias traçadas pelo espaço e seus usos e práticas no decorrer dos anos.

INTRODUÇÃO

A presente dissertação aborda os carnavais na cidade de Santa Rita do Sapucaí, situada no sul do Estado de Minas Gerais entre os anos de 1932 a 1980. O objetivo central foi compreender, a partir da festa, as relações sociais estabelecidas entre os diversos sujeitos e blocos carnavalescos que constituíram a folia nesse período. A partir dos pressupostos da História Social, buscou-se problematizar o discurso oficial de festa una e homogênea através das diferentes formas de festejar que configuraram os dias da folia na cidade.

Esse novo olhar para as festas iniciou-se com a alteração nos paradigmas históricos no início do século XX. A partir da insatisfação dos historiadores com a História unicamente política e factual defendida até fins do século XIX, um grupo de intelectuais fundou a chamada Escola dos Annales atuando em defesa de uma história-problema⁶.

A revista e o movimento fundado por Bloch e Febvre, na França, em 1929, tornaram-se a manifestação mais efetiva e duradoura contra uma historiografia factualista, centrada nas ideias e decisões de grandes homens, em batalhas e em estratégias diplomáticas. Contra ela, propunham uma história-problema, viabilizada pela abertura da disciplina às temáticas e métodos das demais ciências humanas, num constante processo de alargamento de objetos e aperfeiçoamento metodológico.⁷

Esse processo de alargamento de objetos de análise e novas metodologias citado acima, foi aumentando no decorrer dos anos. Também destacamos para a nossa análise a importante contribuição dos trabalhos de Eric Hobsbawn e Edward Thompson, que se aproximaram das práticas cotidianas e sujeitos sociais até então marginalizados pela historiografia tradicional.

Ao propor uma “história de baixo para cima”⁸, Hobsbawn salienta que fazer a história desses novos sujeitos não é apenas atribuir-lhe um significado político, mas estudar pessoas que durante muito tempo estiveram ausentes inclusive da documentação. Outra importante contribuição é a do historiador britânico Edward Thompson, que levantou diversas críticas ao determinismo e estruturalismo que, segundo ele, ainda permeava com frequência as discussões historiográficas. Debruçou-se sobre as experiências desses sujeitos, compreendendo como imprescindível para a prática historiográfica⁹. Portanto, foi através da crise nos paradigmas

⁶ BURKE, Peter. História e Teoria social. São Paulo: Editora Unesp, 2012.

⁷ CASTRO, Hebe. História Social. In: CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo. *Domínios da História: ensaio de Teoria e Metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997, p. 76.

⁸ HOBBSAWN, Eric. Sobre História. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

⁹ THOMPSON, E.P. *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

estruturalistas nos anos de 1980 que a historiografia passou a valorizar as relações entre indivíduos, grupos e a sociedade¹⁰.

O mesmo ocorreu com o estudo de alguns temas que não eram abraçados pela historiografia tradicional, como as festas. Vistas unicamente como momentos de lazer e alienação, durante muito tempo estiveram à margem da escrita da História. Segundo Durval M. Albuquerque, o estudo acontecia somente pelas mãos de etnógrafos e folcloristas cuja preocupação era unicamente legitimar sua identidade nacional. Entretanto,

a partir da importância dada pela historiografia marxista inglesa dos anos cinquenta e sessenta em diante, a historiografia brasileira descobre o caráter político das manifestações culturais populares, encontrando nas festas populares não apenas rituais que encenam e simbolizam as relações sociais que norteiam a vida destes personagens, como também serão consideradas como expressões de formas de ver o mundo, como expressões de valores, costumes, formas de pensar e ver que estão em conflito com o que seria a mentalidade, o imaginário ou a ideologia dominante.¹¹

Quem corrobora essa ideia é a historiadora Rachel Soihet, que em sua análise sobre a construção do carnaval na historiografia ressalta que o festejo durante muito tempo foi considerado um tema periférico e de menor importância aos historiadores, permanecendo por muito tempo “foco exclusivo da atenção do folclore, da antropologia e da sociologia”¹².

Entretanto, como já salientamos, novos temas como as festas e o carnaval tornaram-se objetos de estudo e reflexão dos historiadores, preocupados em perceber que “a festa, como expressão cultural que é, reproduz, no campo simbólico, inúmeras facetas da realidade social.¹³” Dessa maneira, ao abordar a festa carnavalesca na cidade de Santa Rita do Sapucaí, pretendeu-se contribuir para uma discussão mais ampla sobre as peculiaridades do carnaval na discussão historiográfica.

São várias as pesquisas que norteiam nossas reflexões acerca do carnaval. No Rio de Janeiro, a obra de Maria Clementina Pereira Cunha é referência para compreendermos a construção oficial que perpassa o festejo. A autora identifica que, desde 1920, a festa carnavalesca passa a ser associada à identidade nacional brasileira, ideia forjada pelo poder público e a imprensa que buscava homogeneizar a festa, e somente recentemente essa ideia foi

¹⁰ MATTOS, Hebe. História e movimentos sociais. In: VAINFAS, Ronaldo; CARDOSO, Ciro. Novos Domínios da História. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

¹¹ ALBUQUERQUE JR, Durval M. Festas para que te quero: por uma historiografia do festejar. São Paulo: UNESP, CEDAP, v.7, n.1, p. 134-150, jun. 2011.

¹² SOIHET, Rachel. Reflexões sobre o carnaval na historiografia – algumas abordagens. Tempo (London), Rio de Janeiro, v. 7, p. 169-188, 1999.

¹³ BRITO, Sandra. O carnaval e o mundo burguês. Revista da Faculdade de Letras História. Porto, III Série, vol. 6, 2005, p.314.

problematizada pela historiografia. Para ela, se a festa exprime a essência do “ser brasileiro”, “ouvir seus ecos em busca de outras sonoridades pode nos ensinar muito sobre o passado e o presente¹⁴”. É necessário “esmiuçar as dimensões de classe, raça e gênero nela presentes”¹⁵.

Tomando a cidade de São Paulo como referência, outra importante contribuição é de Olga Von Simson¹⁶, que buscou estudar as relações entre negros e brancos no carnaval paulistano entre os anos de 1914 e 1988. Ao comparar o carnaval branco operário imigrante e o carnaval dos redutos negros, salienta que enquanto os negros reafirmavam suas tradições culturais na festa através de suas danças e cantos, os imigrantes copiavam o chamado desfile burguês, “inspirado nas tradições europeias dos arlequins e colombinas”, pautado nos ideais de civilização advindos do enriquecimento com a prática cafeeira.

Fábio Francisco de Almeida Castilho discute a chegada e propagação do café na região do Sul de Minas, salientando as mudanças decorrentes desse processo:

O café trazia consigo a eletricidade, o automóvel e o telefone, os tecidos finos, o calçamento das ruas e a construção de palacetes, teatros e outras “novidades”. Portanto, a economia do sudeste brasileiro em finais do século XIX foi marcada pela expansão cafeeira, acompanhada por uma ideologia progressista de modelo francês que determinaria os caminhos do progresso e civilização. O sul de Minas não esteve alheio a este processo, principalmente quando o café começou a se expandir pela região e lentamente caminhou para se tornar o seu principal produto no século XX.¹⁷

Outras pesquisas sobre a festa vem contribuindo para uma abordagem social do carnaval, como o caso da autora Zélia Lopes, que estudou o carnaval paulistano em dois momentos. No primeiro, sua obra “*Os carnavais de rua e dos clubes na cidade de São Paulo: metamorfose de uma festa*”, concentra-se entre os anos de 1923 a 1938, período de transições políticas no país que afetaram, significativamente, as movimentações em torno do carnaval na cidade. A década de 1920, segundo a autora, marca um momento no qual intelectuais discutiam sobre a identidade do país e sobre as conveniências de institucionalização ou não do carnaval. Nesse momento, buscava-se um perfil para o país aliado aos padrões europeus.

Com isso, o carnaval brincado no país, que se traduzia em um conjunto de jogos conhecido como entrudo – que desde o século XVII dividia a opinião das autoridades -, foi definitivamente considerado impróprio, por ser qualificado “grosseiro” “sujo” e “violento”. Porém, tais alterações não se

¹⁴ CUNHA, Maria Clementina Pereira. Ecos da folia: uma história social do carnaval carioca entre 1880 e 1920. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p.14.

¹⁵ Ibidem, p.16

¹⁶ VON SIMSON, Olga R. de Moraes. Carnaval em Branco e Negro: Carnaval Popular Paulistano: 1914-1988. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

¹⁷ CASTILHO. Fábio Francisco de Almeida. A transição da mão de obra no sul de Minas: o braço imigrante e nacional nos periódicos locais. Jundiaí: Paco Editorial, 2011, p. 37.

processaram de forma “natural”. Em oposição ao velho entrudo, impunha-se o carnaval de luxo, de modelo veneziano e francês, com seus préstitos e bailes de máscaras que exibiam ricas fantasias.¹⁸

Esse processo intensificou-se na década de 1930, quando o poder público do Rio de Janeiro começou a interferir no festejo adotando novos critérios e padrões para a organização. Outra pesquisa da autora¹⁹ adentrou o carnaval paulistano entre os anos de 1940 a 1964. Ao iniciar a pesquisa na década de 1940, partiu de um período de transições: a festa, antes estruturada nas Grandes Sociedades Carnavalescas e no curso deu lugar aos cordões, blocos e “emergentes escolas de samba”. Sua tese é contra o desaparecimento do carnaval propagado por jornais e pela bibliografia especializada nesse período na cidade. Ela buscou “recuperar e tematizar as aparições dos pândegos paulistanos, homens e mulheres, nos espaços públicos e fechados (clubes, associações, cinemas, etc.)”²⁰. Segundo ela, o carnaval não chegou ao fim na cidade, mas houve modificações sobre o perfil dos festejos propiciados nesse momento pela conjuntura da Segunda Guerra Mundial e do Estado Novo. Já na década de 1950, a cidade passou por um processo de urbanização e, a partir da década de 1960, houve a ascensão das Escolas de Samba.

Em artigo, Zélia Lopes discute a memória dos carnavais festejados pelos negros na cidade de São Paulo, nas décadas de 1920 e 1930 do século XX, buscando a trajetória dos grupos, espaços e estratégias forjadas para agregar-se aos festejos oficiais, processo estenão isento de conflitos, como salienta a autora.

As lideranças negras, cientes das dificuldades para sua inserção no mundo dos brancos, decorrentes de preconceitos, criaram estratégias para enfrentar os muitos desafios, valendo-se do esforço de seus traços culturais [...] Almejavam promover, igualmente, o diálogo com a sociedade mais ampla.²¹

Petrônio Domingues centrou sua análise na trajetória do Grupo Carnavalesco Campos Elyseos nas primeiras décadas do século XX. Segundo ele, o cordão carnavalesco além de forma de entretenimento para os negros paulistas gerou noções de igualdade e pertencimento

¹⁸ SILVA, Zélia Lopes. Os carnavais de rua e dos clubes na cidade de São Paulo: metamorfose de uma festa (1923-1938). São Paulo: Editora da Unesp, 2008, p. 22

¹⁹ SILVA, ZL. Dimensões da cultura e da sociabilidade: os festejos carnavalescos da cidade de São Paulo (1940-1964) [online]. São Paulo: Editora UNESP, 2015, 213 p. ISBN 978-85-68334-54-6. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

²⁰ Ibidem, p.9.

²¹ SILVA, Zélia Lopes da. A memória dos carnavais afro-paulistanos na cidade de São Paulo nas décadas de 20 e 30 do século XX. Diálogos (Maringá. Online), v. 16, supl. Espec., p. 37-68, dez./2012.

em um contexto de ampla marginalização do negro. Nas festividades, como o curso paulista, os foliões negros eram tidos como meros expectadores.

Numa ordem republicana que os repelia (ou os incluía marginalmente), os cordões carnavalescos dos afro-paulistas abriram um canal de diálogo entre eles e as agências de poder e, na medida do possível, seus desfiles foram utilizados como meio de promoção de equidade.²²

Dessa forma, “eram os negros se unindo e agenciando com sinais diacríticos no perímetro urbano, expressando-se coletivamente”²³ e compartilhando “costumes em comum”²⁴.

O carnaval, assim, refletia as contradições raciais mais amplas. Não conformados a ficar alijados dos festejos oficiais e acumulando as antigas experiências de cunho afro-diaspórico, os negros investiram na criação e recriação de formas populares de brincar o carnaval: os caiapós, zé-pereiras, blocos e, mais tarde, os ranchos e cordões. [...] Eram os negros se unindo e se agenciando com sinais diacríticos no perímetro urbano, expressando-se coletivamente, apostando nas atividades lúdico-culturais, confrontando-se com os demais grupos na esfera pública e percebendo sua especificidade. Arvorando-se, por assim dizer, como foliões e cidadãos²⁵.

Leonardo Affonso de Pereira Miranda em sua obra “*O carnaval das Letras*”²⁶ através de crônicas, romances e contos de literatos na década de 80 do século XIX buscou nos grandes jornais do Rio de Janeiro o carnaval que se firmava como uma das grandes questões, afinal nesse período sentiam-se como os grandes responsáveis na busca por uma “identidade nacional”: Segundo ele:

É justamente seguindo os rastros deixados por elas que podemos chegar a uma outra compreensão sobre os sentidos da festa, que aponte para a diversidade deixada de lado na construção de uma memória unívoca e linear do carnaval brasileiro.²⁷

Outra autora que nos ajudou a refletir sobre a configuração da festa e do carnaval ao realizar uma abordagem histórico-social do carnaval na cidade do Porto, no final do século XIX e início do século XX, é Sandra Britto. Para ela, devemos nos atentar às alianças, conflitos, formas de participação, trocas e às relações sociais que se estabelecem entre os diferentes

²² DOMINGUES, Petrônio. O “tríduo da loucura”: Campos Elyseos e o carnaval afro-diaspórico. Revista Tempo, vol. 19 n. 35, Jul. – Dez. 2013: 117-142.

²³ Ibidem. p.126.

²⁴ Ibidem. p.129.

²⁵ Ibidem. pp.123-126.

²⁶ PEREIRA, Leonardo. O carnaval das Letras: literatura e folia no Rio de Janeiro do século XIX. 2º ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.

²⁷ Ibidem, p.49.

grupos na festa, afinal “sob o seu signo coexistem e relacionam-se diferentes realidades, estabelecendo redes de sociabilidade por vezes completa.”²⁸

Ao nos deslocarmos para outros grandes centros, encontramos a pesquisa de Marcus Vinicius de Freitas Rosa, que abordou Porto Alegre nas décadas de 1930 e 1940 e buscou as interações entre os diversos grupos de foliões, poder público e imprensa. Uma de suas principais contribuições consiste em desmistificar a unidade atribuída ao carnaval. Segundo ele:

Tal construção, porém, não se deu “espontaneamente”, nem “naturalmente”, nem mesmo corresponde à revelação de uma “essência” [...] foi sim, o produto de um intenso trabalho político e intelectual efetivado, principalmente, pelos poderes públicos e pelos homens da imprensa. [...] Entretanto, é preciso ter cuidado ao se analisar o carnaval a partir do conceito de “tradição inventada”. O processo de invenção das tradições tem por característica criar determinados símbolos que passam a ser encarados como “algo comum” a diferentes concidadãos: essa invenção tem por objetivo justamente suprimir as diferenças. Porém, em nome da homogeneidade pretendida, não se pode esquecer a heterogeneidade real.²⁹

Aos poucos, outros trabalhos vão aparecendo e outros olhares vão se deslocando para outros Estados como Minas Gerais. Dentre eles, destacamos o trabalho de Felipe Araújo Xavier³⁰ acerca do carnaval em Rio Novo, pequena cidade na Zona da Mata Mineira. Seu trabalho buscou traçar a história do carnaval na cidade dos primeiros ranchos em 1907 até a ascensão das Escolas de Samba na década de 1970. A pesquisa de Hilário Figueiredo Pereira Filho³¹ abre alas para compreender a festividade carnavalesca em Belo Horizonte buscando as variadas formas de expressões culturais entre os anos de 1899 a 1936. Dessa forma, uma das premissas dessa pesquisa está em estudar as singularidades e particularidades do festejo de carnaval na cidade de Santa Rita do Sapucaí e, com isso, contribuir para a discussão historiográfica acerca do tema.

²⁸ BRITO, Sandra. O carnaval e o mundo burguês. Revista da Faculdade de Letras HISTÓRIA Porto, III Série, vol. 6, 2005, pp. 313-338.

²⁹ ROSA, Marcus Vinicius de Freitas. Quando Vargas caiu no samba: um estudo sobre os significados do carnaval e as relações sociais estabelecidas entre os poderes públicos, a imprensa e os grupos de foliões em Porto Alegre durante as décadas de 1930 e 1940. Dissertação de Mestrado em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008, pp 1-2.

³⁰ XAVIER, Felipe Araújo. O Carnaval de Rio Novo: uma festividade e seus significados plurais (1907-1979). Dissertação de Mestrado em História, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2010.

³¹ FILHO, Hilário Figueiredo Pereira. Glórias, conquistas, perdas e disputas: as muitas máscaras dos carnavais de rua em Belo Horizonte (1899-1936). Dissertação de Mestrado em História pela Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

Capítulo I – Fronteiras da festa: Carnavais da elite na década de 1930 e 1940

1.1 . A cidade de Santa Rita do Sapucaí e os carnavais da década de 1930

Assim como tantas outras, a história da cidade de Santa Rita do Sapucaí inicia-se com a formação de seu povoado durante a transição para a fase imperial brasileira. Segundo a história oficial do município, 1821 foi o ano da chegada do casal de portugueses Manoel e Genoveva Fonseca à região e o início da sua formação a partir da doação de oito alqueires de terras³² pelo casal, após uma promessa atendida.

De povoado à Freguesia pertencente à Campanha, Pouso Alegre e Itajubá. Posteriormente, de Freguesia à Vila, somente em 1892 foi elevada à categoria de cidade. Segundo as memórias de Cyro de Luna Dias³³, a construção teve início através da solidificação da praça central, da capela e casarões que rodeavam a praça por volta do ano de 1854. Isso ocorreu através das “pedras roladas do leito dos riachos, madeira de rijo cerne das matas próximas³⁴” sendo “a força da tração dos bois e muares” e “o braço escravo” o mecanismo central desse processo. A Vila, ainda segundo ele, durante muito tempo permaneceu solitária, afinal, os moradores retiravam-se em suas fazendas para trabalhar durante os dias correntes e “somente em festas religiosas, com a vinda dos fazendeiros e suas famílias com roupagens novas e escravaria buliçosa, agitava-se o largo”³⁵.

Durante muito tempo, portanto, o trabalho nas fazendas foi o principal mecanismo econômico da cidade, voltado para diversas e diferentes práticas agrícolas, sendo a principal delas, o plantio do café. As práticas em torno do café foram responsáveis ao longo dos anos por alterar as relações econômicas e políticas da cidade, além de construir elos entre diferentes famílias através de casamentos arranjados, o que propiciou a formação de uma elite cafeeira no início do século XX.

A chegada do café em Santa Rita teria se dado por volta de 1870, quando o senhor Joaquim Candido Ribeiro plantou, em terras onde está localizada a fazenda do Challet, mudas da árvore. Anos mais tarde, sairia de Santa Rita do Sapucaí, um dos maiores barões de café do estado de Minas Gerais, o Sr. Erasmo Cabral: na década de 1920 a região sudeste produzia 60% do café consumido no mundo [...] No entanto, com a chegada da crise de 1929, assim como muitos produtores locais, teve que decretar falência.³⁶

³² Santa Rita Jornal. O nosso município – histórico. Setembro de 1931.

³³ DIAS, Cyro de Luna. Crônica das casas demolidas. Rio de Janeiro: Ágora da Ilha, 2001.

³⁴ Ibidem. p,15.

³⁵ Ibidem. p,20.

³⁶ Dossiê de tombamento. Maria Idalina de Jesus. Prefeitura Municipal de Santa Rita do Sapucaí, 2013, p. 16.

Assim, entre fins do século XIX e início do século XX, o plantio de café destacou-se como um dos principais produtos da cidade. Segundo memorialistas da região, a primeira máquina de beneficiar café na região chegou com Antônio Moreira da Costa, pai do ex-presidente da República Delfim Moreira, nascido em Cristina e criado na cidade de Santa Rita do Sapucaí na:

Velha propriedade de seus avós maternos, onde a mão-de-obra era de escravos e o café começava a dominar a primitiva agricultura e pecuária de subsistência. Seu pai o trouxe, menino ainda, para a fazenda da Pedra Redonda que adquirira em Santa Rita do Sapucaí. [...] O menino Delfim encheu sua infância de visão do trabalho braçal dos escravos e das heroicas ideias de progresso do pai.³⁷

Francisco Moreira da Costa, irmão de Delfim Moreira, também despontou como um dos grandes nomes do café na região tendo, segundo cartas de sua sobrinha, adquirido as fazendas de Erasmo Cabral após a crise de 1929³⁸. Além do café, também foram cultivadas na cidade cana de açúcar, fumo e cereais em geral, entretanto, os cafezais predominavam na região, chegando no ano de 1940 “[...] a mais importante havendo 6 milhões de pés no município com uma produção anual (média) de 400 mil arrobas³⁹”.

A implantação da economia cafeeira na cidade, portanto, ocorreu em constante ligação com a economia do sudeste brasileiro nesse período, sendo a mão de obra escrava negra parte primordial nesse processo. Com o fortalecimento do café em todo o país foi possível o enriquecimento das famílias consideradas tradicionais e que eram responsáveis pela construção de formas de divertimento apazíveis ao olhos de uma elite nacional. Esse período de 1870 a 1930, segundo Von Simson, foi marcado pelo:

enriquecimento rápido trazido pela cultura cafeeira primeiro ao redor do Rio de Janeiro, posteriormente ocupando o Vale da Paraíba em direção a São Paulo e finalmente atingindo o Oeste Paulista, inicia-se um processo de diferenciação entre as várias camadas sociais nas cidades do centro-sul [...] Esse processo provocou logicamente, uma série de mudanças na maneira como as várias camadas sociais se divertiam. [...] Assim, graças as novas possibilidades econômicas, as camadas mais abastadas dos centros urbanos passaram a adotar um estilo de vida burguês europeu, que correspondia a uma dupla necessidade: a necessidade que sentiam estas camadas enriquecidas há não muito tempo pela expansão agrária ligada ao café e pelo incremento das atividades comerciais dela resultante, de se diferenciarem

³⁷ CARVALHO, Cônego José Augusto de. O menino do Balaio. Artes Gráficas Irmão Gino Ltda, Pouso Alegre: 1983.

³⁸ FONTES, Marly Barbosa. Cartas de Glorinha. Rio de Janeiro. Gráfica Forense, 1996.

³⁹ OLIVEIRA, Cônego João Aristides. A diocese de Pouso Alegre no ano jubilar de 1950. Tipografia da Escola Profissional: Pouso Alegre.

culturalmente em relação as camadas mais inferiores constituídas por homens livres, mas pobres, negros libertos e na base inferior pela escravaria.⁴⁰

Dessa forma, segundo a autora foi possível uma diferenciação cultural, distinguindo formas de agir e de festejar restritas às camadas superiores. O mesmo ocorreu na região pois, com o enriquecimento proveniente do café, as práticas de sociabilidade na cidade e principalmente o carnaval, transformaram-se. Segundo Ivon Luiz Pinto:

Quando foi fundada a povoação de Santa Rita aqui existiam grandes proprietários de terra e com eles uma grande quantidade de escravos. [...] Por exemplo, o capitão Braz Fernandes Ribas, co-fundador da cidade, dono de grande sesmaria e respeitado pela Igreja e pelo Estado, tinha a posse de “47 escravos cativos; o Capitão João Antônio Dias possuía 17 escravos; o tenente Vitor Modesto Ribeiro, 22 escravos, Francisco Tomaz Vilela possuía 57 cativos”, sendo ao todo 484 escravos.⁴¹

Cyro de Luna Dias destaca o processo de abolição na cidade: “pela Honra da Vila de Santa Rita, a maioria optou por libertar seus escravos em fins de 1885⁴²”, o que ocorreu em diversas localidades, pois:

Com a concessão de alforrias coletivas, os senhores buscavam preservar algum domínio sobre os ex-escravos. Eles que esperavam que, presos pela dívida da gratidão, os libertos permanecessem nas propriedades. Os jornais deram grande publicidade a esses atos “humanitários” no apagar das luzes do escravismo.⁴³

Mesmo com a libertação anterior à abolição oficial, as condições dos libertos não se resolveram facilmente em relação à moradia, trabalho e também nas práticas de lazer nas primeiras décadas do século XX. O pós-abolição foi marcado por várias dificuldades. É neste sentido que refletimos sobre a cidade e as práticas de sociabilidade que permeavam a década de 1930, destacando o carnaval.

⁴⁰ VON SIMSON, Olga R. de Moraes. *Carnaval em Branco e Negro: Carnaval Popular Paulistano: 1914-1988*. Campinas: Editora da Unicamp, 2007, p.21.

⁴¹ PINTO, Ivon Luiz. *Pioneiros Visionários: Fragmentos da História de Santa Rita do Sapucaí*. São José dos Campos, SP: Editora ComDeus, 2015, p.43.

⁴² DIAS, Cyro de Luna. *Crônica das casas demolidas*. Rio de Janeiro: Ágora da Ilha, 2001, p.100.

⁴³ ALBUQUERQUE, Wlamyra R. de; FILHO, Walter Fraga. *Uma história do negro no Brasil*. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.



Imagem 01

Título: Vista parcial da cidade de Santa Rita do Sapucaí – década de 1930

Fonte: Acervo particular Luiz Carlos Carneiro

Na imagem acima, referente aos anos de 1930, nos prédios mais imponentes podemos ver a Igreja Matriz, a cadeia da cidade e o antigo mercado municipal que foi demolido posteriormente. Nesse período, a estrutura social da cidade ia se modificando e apesar do café ainda constar como a maior fonte de riquezas do município, a cidade contava com exportação de ovos e aves, usinas de laticínios, estamperia, tipografia, entre outros⁴⁴.

No campo cultural, segundo relatos, nesse período eram comuns os passeios pela praça central da cidade e a ida aos cinemas. Quanto ao carnaval na cidade não existem indícios sobre o entrudo, uma das primeiras manifestações carnavalescas que figuraram nos grandes centros brasileiros. Segundo Maria Clementina,⁴⁵ o entrudo não consistia somente em atirar bisnagas d'água e limões de cheiro em seus oponentes, mas consistiu em um conjunto de comportamentos condenados pelo poder público, pela imprensa e pela elite. Contudo, somente

⁴⁴ OLIVEIRA, Cônego João Eustides de (org.). A Diocese de Pouso Alegre no Ano Jubilar de 1950. Pouso Alegre: Tip. Da Escola Profissional, 1950.

⁴⁵ CUNHA, Maria Clementina Pereira. Ecos da folia: uma história social do carnaval carioca entre 1880 e 1920. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

no final do século XIX que a prática do entrudo passou a significar unicamente “molhadeira”, pois antes era o que se entendia e se vivia como Carnaval.

Com a condenação desse comportamento considerado “bárbaro” e “sinônimo de atraso”, outras formas de festejar começaram a despontar nas lides pagãs, como os corsos. Na cidade de Santa Rita, despontam alguns indícios sobre essa prática.



Imagem 02

Título: Corso na saída da cidade no ano de 1923

Fonte: Acervo particular Luiz Carlos Carneiro

A imagem acima data do ano de 1923, sendo esse um dos primeiros indícios e registros que temos sobre a folia na cidade. Muito comum nos carnavais do início do século XX, os corsos consistiam em automóveis enfeitados com serpentinas que desfilavam pelas principais ruas da cidade. Sobre os corsos, Zélia Lopes destaca que são desfiles de: “famílias endinheiradas que se deslocam para a avenida em seus carros enfeitados, participando deles inclusive os senhores, com trajes de seu cotidiano e adornos mais exagerados nos chapéus”⁴⁶. Essa imagem foi tirada na saída da cidade, em frente à antiga estação de trem. Pela vestimenta, podemos ver que se tratam de membros da elite que possuíam condições financeiras de arcar com o desfile. O veículo pertencia a Teófilo Andrade. Assim, como eram poucos que possuíam

⁴⁶ SILVA, Zélia Lopes. Os carnavais de rua e dos clubes na cidade de São Paulo: metamorfoses de uma festa (1923-1938). São Paulo: Editora da UNESP, 2008, p.91.

automóveis nesse período, a prática do corso não era para todos os sujeitos sociais. Lucrecia Adami rememora:

[...] Na minha infância o que me gravou muito bem foi o corso. O que era o corso? O corso era os carros que tinham capotas abaixadas e as moças daquela época sentavam na capota, os carros iam um próximo ao outro e a tarde jogavam serpentina, confetes e as vezes jogava pela gente que tava na calçada, na porta de casa [...]depois que eu me lembre mesmo foram os blocos que era da Rua do Queima, é como que chama aquele outro?!... Ah, meu Deus, as Mimosas Cravinas![sorri]⁴⁷

Muitos dos automóveis, ainda nesse período, eram alugados das cidades vizinhas como Pouso Alegre e Itajubá. Ao ressaltar essa festividade na década de 1930 vemos a continuidade do corso na cidade. Os jornais nos trazem que, no ano de 1931, “os cursos serão admiráveis e tudo nos leva a crer que teremos três dias de inesquecíveis festejos”⁴⁸. Assim como os cursos, a depoente rememora, o Bloco “Hora H”, também da alta sociedade santarritense. O bloco, entretanto, não perdurou durante muito tempo na cidade. Na imagem abaixo, datada de 1938, há uma clara tentativa de distinção a partir da escolha dos trajes.



Imagem 03

Título: Bloco Hora H em 1938

Fonte: Acervo particular de Luiz Carlos Carneiro

⁴⁷ Depoimento de Maria Lucrecia Adami de Oliveira para o projeto “Resgatando a História de Santa Rita” da Academia Santarritense de Letras.

⁴⁸ Jornal O Correio do Sul. Carnaval. 05 de fevereiro de 1931, p.2.

Não existem muitos indícios do Bloco “Hora H”, entretanto, ele é lembrado pelos jornais como os saudosos e antigos carnavais ao lado de Ride e Demo, mesmo anos após desaparecer da festividade. Maria Lucrécia Adami também se recordou da participação das mulheres nos desfiles, em um período em que a relação espaço público e privado pertencente à mulher ainda era muito limitado. Ao rememorar o bloco Mimosas Cravinas, veremos no segundo capítulo que esse carnaval elitizado não figurou como a única forma de participação no carnaval na cidade. Frequentado pelas camadas populares, o bloco tensionou as relações sociais e raciais no decorrer dos anos.

Além do Mimosas Cravinas, nesse período também temos a criação de dois blocos destinados às camadas populares, como o bloco “Tira-Teima” e o “Rancho dos Oito Tangara’s”. O primeiro promoveu, em 1932, além de um baile carnavalesco no salão do antigo cinema Avenida, desfiles com quatro carros alegóricos com “requintado bom gosto artístico”⁴⁹, sendo eles: “a baleia, força e luz, avião revoltoso e surpresa”. Segundo o *Santa Rita Jornal*, “um outro grêmio de operários, o Bloco “Tira-Teima”, vem trabalhando pela educação do nosso nível cultural, com um idealismo e desprendimento dignos de nossa admiração”⁵⁰. Composto por João Rufino (presidente), Antônio Ribeiro de Magalhães (ensaiador), Antônio Dias de Paiva (vice-presidente), Ariosto Longuinho (secretário) e Amâncio de Oliveira Paiva (tesoureiro), encontramos notícias do bloco nos jornais até meados de 1936. Ainda no ano de 1932, o jornal apontou o desfile do Rancho dos Oito Tangara’s, tendo à frente os maestros Sebastião Rabello e Pedro Eduardo, que também participaram da criação do bloco Mimosas Cravinas.

Dessa maneira, entre os desfiles do “Bloco Hora H”, dos corsos e do Bloco “Que nada tira”, também formado pela elite da cidade, outras manifestações carnavalescas conviviam e compartilhavam o espaço da folia e, talvez por isso, uma portaria foi publicada com o intuito de monitorar os diversos divertimentos na cidade:

De ordem do Exmo. Sr. Dr. Chefe de Polícia, levo ao conhecimento do público desta cidade, que serão proibidos sair bandos carnavalescos, à pé, em carros ou montarias, sem licença desta delegacia.
E bem assim, serão proibidos os gestos, canções e palavras obscenas, ou que envolvam desrespeito a quaisquer autoridades, classe ou instituição [...]⁵¹

Durante muito tempo, notícias em jornais enfatizaram o “mito do carnaval” aludindo o festejo a um espaço igualitário e harmonioso. Entretanto, essa concepção sofreu modificações

⁴⁹ Jornal O Correio do Sul. A Sociedade Santarritense festejará brilhantemente o carnaval de 1932. 24 de janeiro de 1932, p.5.

⁵⁰ Santa Rita Jornal. O trabalho e as nossas associações de classe. 07 de setembro de 1932, p.1.

⁵¹ Jornal O Correio do Sul. Policiamento das ruas. 31 de janeiro de 1932, p.6.

e a própria portaria nos leva a refletir sobre as desigualdades e tensões que a festa sofreu no decorrer de todos esses anos, ao pensarmos em suas proibições: a quais grupos elas eram destinadas? Discorreremos melhor sobre esses aspectos no segundo capítulo, por ora nos concentraremos na criação de dois importantes blocos para a história da cidade, formados e financiados pelos cafeicultores e comerciantes, fundados em 1934 e 1935 respectivamente, os blocos Ride Palhaço e Bloco dos Democráticos.

1.2. Ride Palhaço e Bloco dos Democráticos: a construção de uma rivalidade

Segundo memórias correntes, os desfiles dos blocos Ride Palhaço e Bloco dos Democráticos ocorriam sob ruidosos aplausos, confetes e serpentinas. Das suas sedes contornavam a praça central e percorriam as principais ruas da cidade junto aos foliões que se aglomeravam ao seu redor: nas sacadas de suas casas ou percorrendo o trajeto ao lado dos blocos. Durante os quatro dias destinados a Deus Momo, as relações sociais estabelecidas eram diversas, alterando toda a estrutura da cidade.

Ambos os blocos foram criados na década de 1930, período de diversas mudanças políticas, econômicas, mas sobretudo culturais em nosso país. O Estado, na figura de Getúlio Vargas, passou a intervir fortemente na área cultural e a buscar a criação de símbolos que expressassem a ideia de identidade nacional, afinal, nesse período, “a cultura era entendida como assunto do Estado”⁵². A peça chave para isso foi a criação do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) que, com enorme poder de interferência na área de comunicação, censurou manifestações ao mesmo tempo em que desenvolveu linhas de atuação, como por exemplo o processo de institucionalização do Carnaval brasileiro como festa de maior representatividade e expressividade de nosso país, verdadeiro símbolo de nossa identidade nacional.

Essa concepção, segundo a historiadora Maria Clementina Pereira Cunha⁵³, apresentou seus primeiros sinais na década anterior, início dos anos 20, quando tanto o poder público quanto os intelectuais passaram a representar a festa de carnaval como harmônica, “conferindo a ela a capacidade de expressar a originalidade e esboçar o perfil daquilo que faz os brasileiros diferentes dos demais”⁵⁴. Essa ideia foi consagrada e propagada durante muito tempo, porém, passou a ser problematizada pela historiografia e pela autora. Nesse sentido, analisar como a

⁵² SCHWARCZ, Lilia M; STARLING, Heloisa M. Brasil: Uma Biografia. São Paulo: Companhia das Letras, 2015, p.378.

⁵³ CUNHA, Maria Clementina Pereira. Ecos da folia: uma história social do carnaval carioca entre 1880 e 1920. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

⁵⁴ Ibidem. p. 13.

festa foi construída em diferentes cidades, auxilia-nos a desnaturalizar esse processo e a compreender as relações sociais estabelecidas entre diferentes grupos.

Sobre o processo de criação dos blocos Ride Palhaço e Bloco dos Democráticos, Sr. Luiz Carlos rememora:

Do Carnaval do Ride e do Demo? Desde a fundação, eles já começaram a rivalidade. Quem fundou o Ride foi os irmãos, os De Marchi, Chiquito Garcia, o José, Zé da Silva tava lá, o Surika, o Gaúcho, o principal foi o Gaúcho que fundou o Ride Palhaço...Gaúcho Neném De Marchi, aquele povo dos De Marchi. E eles fundaram o Ride, aí cabou encrencando lá no Ride, chega no ano seguinte, se vê rivalidade eles já fundaram o Demo, o Democrático, o Ride foi fundado em 34 pelo Gaúcho e essa turma que eu te falei sabe De Marchi e aquele pessoal, aí ele veio e juntou com Carmelo, próprio Zé da Silva e fundaram o Democrático. Aí, já tava naquela rivalidade. O primeiro ano do Democrático, foi em 35, eles saíram de Granadeiros sabe... granadeiros. Diz que foi uma maravilha, pra época deve ter sido, a Dona Lurdes de Luna em cima dum cavalo cantando a música dos granadeiros sabe e aí que já criou a rivalidade desde o início. Um ano pro outro já criou aquela rivalidade.⁵⁵

O primeiro dos blocos a ser criado foi o Ride Palhaço, no ano de 1934, pelo carioca Henrique Surika⁵⁶, os irmãos Dante e Hugo de Marchi, o dentista e musicista Carmelo de Abreu e Ângelo Bonorino – o Gaúcho. No ano seguinte, 1935, os dois últimos fundadores do Ride uniram-se a Paulo Quintas e José da Silva para fundar o Bloco dos Democráticos. O depoente destaca em sua fala a dissidência entre os membros e a rivalidade entre os dois blocos, determinante para a construção do carnaval na cidade ao longo dos anos, como veremos no decorrer do capítulo. O nome do bloco dos Democráticos foi inspirado no Club dos Democráticos, uma das Grandes Sociedades Carnavalescas do Rio de Janeiro. Segundo Cunha⁵⁷, o Club foi fundado por um grupo de comerciantes que tiraram a sorte com um bilhete de loteria premiado e investiram na sua criação, sendo, portanto, a “mais democrática das sociedades pois comportava pequenos empregados⁵⁸”. Essas sociedades carnavalescas apareceram no carnaval carioca na “segunda metade do século XIX com uma imagem legitimada por sua origem social e pelo conteúdo letrado de seus préstitos, anunciando que a civilização atingira os domínios de Momo”⁵⁹.

⁵⁵ Depoimento de Luiz Carlos Lemos Carneiro. Concedido em: 19.03.2013.

⁵⁶ Casou-se com a santarritense Corina Carvalho. Era professor de educação física no IME – Instituto Moderno de Educação e Ensino de Santa Rita do Sapucaí.

⁵⁷ CUNHA, Maria Clementina Pereira. Ecos da folia: uma história social do carnaval carioca entre 1880 e 1920. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

⁵⁸ Ibidem. p, 110.

⁵⁹ SILVA, Zélia Lopes. Os carnavais de rua e dos clubes na cidade de São Paulo: metamorfoses de uma festa (1923-1938). São Paulo: Editora da UNESP, 2008, p.90.

Ainda sobre as características do bloco segundo seu estatuto, “as cores representativas da Sociedade Recreativa e Cultural “Bloco dos Democráticos” são o preto e o branco” e seus símbolos são: “uma cartola preta, uma bengala e suas luvas brancas”. Segundo Zélia Lopes⁶⁰, o uso da cartola foi recorrente no carnaval paulistano durante a década de 1920. Em sua análise, a peça responsável por compor o vestuário masculino no século XIX foi utilizada nos anos 20 por homens e mulheres como fantasias de carnaval. Além disso, seu uso representou um ícone de status e poder. Dessa maneira, a escolha dos símbolos para representar cada bloco nos dizem muito sobre seu perfil afinal, os foliões se identificam com eles.

Já o emblema do bloco e seu estandarte foram idealizados por José Joaquim Ribeiro, cabendo a composição do hino a Franklin Magalhães e sua melodia a Carmello Carneiro de Abreu. Abaixo, a primeira diretoria do Bloco no ano de 1935:

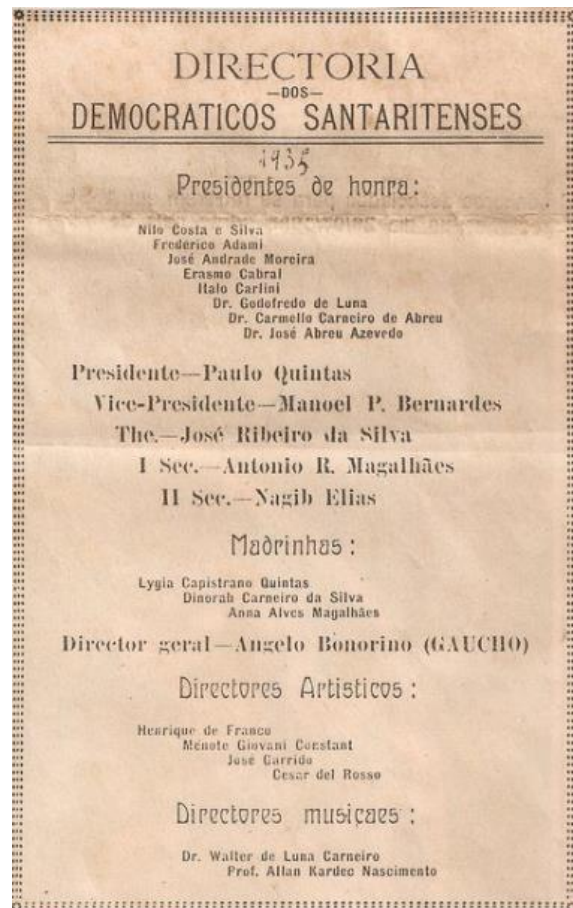


Imagem 04
Diretoria do Bloco dos Democráticos em 1935
Fonte: Acervo Bloco dos Democráticos

⁶⁰ SILVA, Zélia Lopes. Os carnavais de rua e dos clubes na cidade de São Paulo: metamorfoses de uma festa (1923-1938). São Paulo: Editora da UNESP, 2008.

Destacamos que grande parte das pessoas que compuseram a diretoria acima possuíam grande representatividade social na cidade, o que ajudou a impulsionar os desfiles no decorrer dos anos. Já o Bloco Ride Palhaço, criado um ano antes, teve a inspiração de seu nome na música de Lamartine Babo, a qual tornou-se hino do bloco ao longo dos anos. O bloco, inclusive, adotou a figura do palhaço como o seu grande símbolo. O palhaço tem suas raízes na *Commedie Dell Art* italiana do século XVI, com símbolos como a colombina, pierrô e arlequim, e seu triângulo amoroso.

“Ride palhaço Lá, rá, rá, rá, rá, rá
 Lá, rá, rá, rá, rá, rá
 Lá, rá, rá, rá, rá, rá
 Há, há, há...
 Ride palhaço
 Lá, rá, rá, rá, rá, rá
 Eu sou o teu Pierrô
 Colombina, Colombina
 Reparte esse amor
 Metade pra mim
 Metade pro teu Ar..lequim”

É interessante notar que os blocos se opõem até mesmo na escolha de seus símbolos. O preto e branco, em oposição ao colorido do palhaço ao se auto-representarem, compõe mais um dos mecanismos que auxiliam na crescente rivalidade entre eles ao longo dos anos. Entretanto, importante notar que embora rivais nas lides pagãs, ocupavam o mesmo lugar enquanto ao entendimento que as pessoas detinham sobre “carnaval”.

No decorrer dos anos, os dois blocos adotaram como características centrais de seus desfiles os préstitos carnavalescos, “um dos pilares do chamado carnaval elegante”⁶¹, através de um carnaval organizado e pré-estabelecido com regras, onde cada folião possuía seu lugar no enredo. Muitas das características dos blocos tiveram suas bases nas Grandes Sociedades Carnavalescas do Rio de Janeiro. Inspirações como os carros alegóricos, as fantasias luxuosas e a preocupação com o chamado desfile espetáculo estiveram presentes.

O padrão de desfile processional, no qual o luxo e a ostentação marcavam a manifestação carnavalesca, havia sido importado do carnaval europeu e foi também o padrão imposto as classes populares, que durante décadas tiveram que funcionar como público do desfile burguês. Foi então, tendo por modelos esse padrão absorvido pelas classes populares como a forma aceita na sociedade brasileira do centro-sul para se

⁶¹ SILVA, Zélia Lopes. Os carnavais de rua e dos clubes na cidade de São Paulo: metamorfoses de uma festa (1923-1938). São Paulo: Editora da UNESP, 2008, p.65.

produzir o folguedo carnavalesco, que se desenvolveu toda criação do carnaval popular do século XX, tanto o carnaval branco, quanto o negro.⁶²

Assim, nos dias de folia, os blocos programavam-se da seguinte forma: aos domingos, era realizada a noite das crianças; as segundas eram destinadas ao Bloco de Gala do Democráticos, momento no qual, além dos foliões, os próprios trabalhadores do bloco vestiam-se em trajes sociais preto e branco e ao Bloco do Ride Palhaço, em que a população vestia-se de palhaços, arlequins, colombinas... e as terças, a noite mais aguardada, destinava-se ao desfile dos préstitos, “era a noite que eles colocavam tudo né, vinha a fantasia do Rio de Janeiro, vinha aqueles carros luxuosos né, tanto do Ride como do Demo”⁶³.

Era cada um com uma maneira diferente de fazer carnaval, os carros... carro dos Democráticos era feito de madeira porque os De Franco mexia com madeira né, era todo feito de madeira pra monta um elefante, cavalo marinho que saiu, né, aqueles cavalos, era tudo feito de madeira. O Ride já usava muito a massa, eles fazia o molde, fazia a massa, depois montava, era diferente o sistema de montar sabe. Mai no final dava tudo igual, tudo igualzinho sabe.⁶⁴

Durante muito tempo a responsabilidade da criação dos carros era das próprias pessoas que faziam parte dos blocos. Além disso, através de comissões, elegiam-se os reis e rainhas dos blocos, os quais ocupavam papel central e destaque nos carros.

Apesar do Bloco Ride Palhaço ter sido criado um ano antes, o primeiro desfile de ambos os blocos ocorreu no ano de 1935. Nesse primeiro ano, o bloco dos Democráticos, desfilou com o tema Granadeiros.

A primeira vez que participei, a minha fantasia foi de ‘granadeiro’ (soldado que lança a granada e que vai à dianteira do regimento). Meu pai arrumou os cavalos do regimento de Pouso Alegre e a rainha do bloco foi a frente montada em um deles, que brilhava de tão lustroso. O bloco era enorme, os cavalos de raça e as ricas fantasias causaram grande furor. Depois do desfile dos dois blocos, os participantes se reuniam para o baile de carnaval. Este era realizado no cinema da cidade, que constava de plateia, camarotes ou frisas e o último andar, que era chamado de ‘galinheiro’, já que o clube ainda estava em construção neste ano. O papai pegava umas peneiras enormes de café e colocava uns empregados lá no alto jogando confete no pessoal que dançava lá em baixo. Era uma verdadeira chuva de confetes!

A rainha do Bloco nesse ano foi Maria de Lourdes Brigagão Ferreira, a qual cantou a marcha dos granadeiros enquanto cavalos montados por soldados do 8º Regimento de Artilharia

⁶² SIMSON, Olga. Carnaval em preto e branco: comemoração e resistência étnico cultural na São Paulo do século passado. In: 34º Encontro Nacional do CERU, 2008, São Paulo: Humanitas/CERU, p.40.

⁶³ Memórias de Luiz Carlos Lemos Carneiro. Entrevista concedida em: 19.03.2013.

⁶⁴ Memórias de Luiz Carlos Lemos Carneiro. Entrevista concedida em: 19.03.2013.

Montada, de Pouso Alegre, abriram alas pelas ruas da cidade. O desfile de granadeiros aconteceu em dois dias: domingo e terça-feira. Já no sábado, a fantasia foi de ciganos enquanto, na segunda, o traje a rigor, que mais tarde ficaria conhecida como a noite de Gala do bloco.



Imagem 05

Título: Formação do Bloco dos Democráticos em 1935

Fonte: Acervo Particular de Luiz Carlos Carneiro

Nesse ano, o bloco Ride Palhaço teve como madrinha Vitória Capistrano, e D. Maria Tereza Capistrano como rainha. O tema do bloco foi justamente a alusão ao palhaço, pierrôs e colombinas. Já no ano seguinte, em 1936, temos o primeiro carro alegórico do bloco:



Imagem 06
 Título: Bloco Ride Palhaço em 1936
 Fonte: Acervo particular de Luiz Carlos Carneiro

Nesse ano, além do desfile de rua o bloco Ride Palhaço ofereceu “a distinta sociedade santarritense”⁶⁵, no salão do Cinema Santa Rita, um “majestoso e encantador” baile à fantasia, ainda em janeiro. No mês de abril, o Ride Palhaço voltou a oferecer um “sarau dançante” no Cine Santa Rita “devido ao sucesso de seu baile”, enquanto o Democrático ocorreu no salão do Hotel Mello, sendo essa uma “noitada de alegria e de verve, proporcionada à sociedade santarritense pelos guardiões do nosso carnaval”.

Os blocos desfilaram ainda em 1937. No ano seguinte, somente o Ride Palhaço saiu às ruas com o tema “Venezianas” e, juntos, só retornaram às lides pagãs no ano de 1946, após o fim da Segunda Guerra Mundial. Zélia Lopes destacou que os efeitos da guerra no país não foram apenas simbólicos e já começaram a se manifestar em 1941, afinal, a economia brasileira dependia do mercado internacional e, portanto, “alguns dos componentes para compor as fantasias das pessoas de posse (que iam das serpentinas/confetes aos tecidos finos e enfeites diversos) eram importados da Europa.”⁶⁶ Ainda segundo ela, além da falta de mercadorias, os desfiles em carros alegóricos e cursos também foram atingidos com as proibições e cotas para

⁶⁵ Jornal Aço Verde. Carnaval 16.01.1936, p.4.

⁶⁶ SILVA, ZL. Dimensões da cultura e da sociabilidade: os festejos carnavalescos da cidade de São Paulo (1940-1964) [online]. São Paulo: Editora UNESP, 2015, 213 p. ISBN 978-85-68334-54-6. Available from SciELO Books <http://books.scielo.org>, p.36.

o combustível. Aliou-se à guerra a conjuntura nacional do Estado Novo e das muitas proibições, que afetaram diretamente o carnaval na cidade.

1.3. Quem “venceu?” O Ride? O Demo? Como se um pudesse vencer, sem o concurso do outro... Quem venceu foi o carnaval santarritense.”

O fragmento abaixo nos ajuda a pensar o papel da imprensa na festa da cidade. O trecho assinado por um “Democrático” que não se identificou, nos ajuda a problematizar a construção de uma memória coletiva acerca dos blocos Ride Palhaço e Bloco dos Democráticos que repercutiu até os dias atuais. Essa memória coletiva reflete “o que ainda é vivo na consciência do grupo para o indivíduo e para a comunidade”⁶⁷.

Aqueles foguetes fizeram-me recordar os saudosos carnavais santarritenses... tempos idos que não voltam mais. Surgia o Ride, galhardo, vitorioso, acompanhado de grande exército de seus fans, em direção ao jardim, naqueles alegres domingos carnavalescos tendo à frente o esforçado Surica, enquanto no céu santarritense pipocavam os foguetes, como demonstração de vitória... Meia hora depois os mesmos foguetes, a mesma convicção de vitória, o mesmo ritmo alegre: << É o Demo! É o Demo” Descia de sua Sede (Armazém do José da Silva) o valoroso Democrático tendo à frente o seu grande animar: Gaucho. E no jardim a mesma dúvida e o mesmo dilema: Quem “venceu?” O Ride? O Demo? Como se um pudesse vencer, sem o concurso do outro... Quem venceu foi o carnaval santarritense.⁶⁸

Ambos são colocados pelo autor e pelo jornal como sendo responsáveis por alimentar o carnaval santarritense por todos esses anos. São eles os responsáveis por todo o saudosismo da população em meio a um período em que os blocos carnavalescos não desfilaram devido aos jovens conterrâneos que foram enviados aos campos de batalha, em meio à Segunda Guerra Mundial.

Além disso, a rivalidade entre os dois blocos, ainda latente até os dias de hoje, já aparece na fala do jornal como sendo o grande “boom” para que o carnaval santarritense seja um dos melhores. Em sua fala “Quem venceu? O Ride? O Demo? Como se um pudesse vencer, sem o concurso do outro... Quem venceu foi o carnaval santarritense.” é traduzida a importância da coexistência de ambos para que o outro possa existir e até mesmo brilhar. Assim, os dois blocos

⁶⁷ HALBWACHS, M. A memória coletiva. São Paulo: Vértice, 1990, p.70.

⁶⁸ Jornal O Correio do Sul. Cinco ou dez. 23.01.1944, p.5.

ao longo dos anos construíram, através de sua rivalidade, uma memória una, cristalizada e hegemônica responsável por moldar o carnaval da cidade.

Ainda no ano de 1944, “somente realizaram-se bailes nos clubes, e esses em relação aos tempos idos não passaram de saraus comuns”⁶⁹. No ano seguinte, em 1945, os dois blocos também não marcam presença. No carnaval de 1946, o questionamento:

[...] Falando nos dois maiores – Ride e Democráticos-porque será que desapareceram das lides pagãs? Quem teria sido a velha bruxa que envenenou a maçã! Qual razão do retraimento dos antigos foliões do Ride e do Demo? [...] Ao que parece encontramos numa atmosfera de retraimento pessimista, de tristeza doentia. Dá pena ainda bem guardados, os estandartes... aqueles mesmos que provocaram palmas, vivas e sorrisos. E não se gastava dinheiro à toa, como pensam alguns. Compravam-se distração, alegria e felicidade, ainda que por pouco tempo. E momo está anda, sem Ride e sem Demo [...]⁷⁰

Através do discurso do jornal podemos notar que foram necessários poucos anos para que os blocos figurassem como os “dois maiores” das lides pagãs santarritenses, por justamente se adequarem às novas aspirações relacionadas ao carnaval. Na fala, também podemos notar que, sem os dois blocos, o festejo não é visto da mesma forma e que os dias do carnaval são vistos como um momento de liberdade cotidiana, em que a alegria, a distração e a felicidade são constantes, aliando-se ao discurso de que, nos meandros da folia os problemas e agruras da vida são deixados de lado. Contudo, entendemos neste trabalho, através da teoria abordada, que os problemas e diferenças sociais são, durante esse momento, ampliadas pelo festejo, como nos demonstra o discurso acima, pois os blocos que são lembrados pelas fontes e memórias oficiais são justamente os blocos Ride Palhaço e Bloco dos Democráticos. Nesse mesmo ano, de 1946, os blocos “ressurgem” e desfilam: “A nota altissonante desse carnaval de 1946 foi, sem dúvida, o improvisado ressurgimento dos dois grandes e pujantes blocos – Democráticos e Ride Palhaço”.

Ride e Democráticos levantaram-se para as disputas carnavalescas, resolvidos a reconquistarem seus lugares à frente dos festejos de Momo. Não estavam mortos, como se julgou. Aguardavam apenas o final da guerra, a vitória das nações unidas, a volta da paz.⁷¹

No ano seguinte, o mesmo temor pelas palavras do jornal, e novamente os blocos saem às ruas:

Dizem os sábios sensatos que esse desinteresse do povo pelas loucuras do carnaval, provém da carestia da vida. A festa requer dinheiro e ele está escasso nos bolsos. É

⁶⁹ Jornal O Correio do Sul. Triste carnaval. 27 de fevereiro de 1944, p.4.

⁷⁰ Jornal O Correio do Sul. Carnaval. 3 de março de 1946, p.1.

⁷¹ Jornal Correio do Sul. Carnaval.10.03.1946, p.1.

verdade, não há cruzeiros na terra. O ano passado foi dos piores para se juntar o vil metal. Os pobres fazendeiros quase hipotecaram suas cansadas terras, tal o preço irrisório do café, do leite, do gado, dos cereais. Os industriais, coitadinhos deles, por um tris não fecham seus estabelecimentos por falta de matéria prima e de preço compensador [...] Tem razão os sabidos e s sensatos: como fazer carnaval assim?⁷²

A indagação final “Como fazer carnaval?” nos leva a refletir que a festa na cidade passou a estar intimamente ligada à necessidade de dinheiro para sua realização. Não se imagina mais um carnaval sem os blocos compostos por plumas, lantejoulas e carros alegóricos. As demais formas de festejar não são mais condizentes com a ideia de como um carnaval deveria ser, contudo, essa necessidade acaba provocando rupturas nos desfiles dos dois blocos, que dependem intimamente da questão econômica para sair às ruas “Essa história de subscrições exageradas veio depois, deu grande brilho à festa, mas no fim, matou-a completamente”⁷³.

As matérias acima foram veiculadas em sua maioria pelo jornal *O Correio do Sul*, que pertencia aos grupos mais abastados da camada social santarritense, e era mantido tanto pelos anúncios de comerciantes quando pelas mensalidades e anualidades dos assinantes. O jornal, portanto, era escrito pela elite e para a elite ao circular pelas mãos de poucos. Além dele, figurou durante poucos anos o *Santa Rita Jornal* e o jornal integralista *Aço Verde*. Esses jornais, segundo a autora Maria Clementina Pereira Cunha, eram responsáveis por repercutir os “ecos” do carnaval de maneira única e cristalizada, ou seja, exaltando em suas páginas o carnaval que eles queriam ver representado em seu presente e também futuro, como é o caso dos blocos Ride Palhaço e Blocos dos Democráticos. Atentamos que os demais blocos, incluindo o Mimosas Cravinas, não são citados na matéria transcrita acima.

Ao longo dos anos, e páginas dos jornais, a menção sobre os desfiles e notícias recai sempre sobre os blocos Ride Palhaço e Bloco dos Democráticos. A menção acerca dos demais blocos é rápida, não se exploram seus bailes e desfiles como ocorre com os dois blocos acima. Além disso, passa-se a ideia de uma festa harmoniosa, excluindo os possíveis conflitos existentes. Entretanto, as práticas sociais entre os diferentes sujeitos são diversas e muitas vezes conflituosas. Elas não se excluem, ocupam o mesmo espaço temporal e social, assim, cabe analisar como esses blocos “conviviam nas ruas durante os dias da folia, disputando espaço, afirmando diferenças e construindo harmonias possíveis e transitórias”⁷⁴.

⁷² Jornal O Correio do Sul. Como fazer carnaval. 9.2.1947, p.4.

⁷³ Jornal O Correio do Sul. Como fazer carnaval. 9.2.1947, p.4.

⁷⁴ CUNHA, Maria Clementina Pereira. Ecos da folia: uma história social do carnaval carioca entre 1880 e 1920. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 17.

Nesse período, o bloco Mimosas Cravinas e outros blocos continuavam a desfilar, contudo, as alusões aos seus desfiles são poucas no jornal *Correio do Sul*, concentrando-se mais sobre os blocos Ride e Demo.

As manifestações de rua – autônomas e individuais – somente ganharam destaque nos jornais porque, na ausência dos desfiles das grandes sociedades, a grande imprensa teve que desviar o foco de sua cobertura para outras brincadeiras que aconteciam durante o carnaval.⁷⁵

Entre os anos de 1950 e 1956, os blocos Ride Palhaço e Bloco dos Democráticos deixaram de desfilar enquanto os demais blocos, incluindo o Mimosas Cravinas, continuaram seus desfiles nos dias destinados à festa. Contudo, as matérias nos jornais destinadas à festa de carnaval caem drasticamente, aparecendo cerca de uma ou duas ao ano, sendo que usualmente, nos dias de desfiles de Ride e Demo, chegavam a até duas matérias por edição do jornal entre os meses de janeiro e abril.

Os blocos retornaram no ano de 1958, desfilaram até o ano de 1960 e pararam novamente, só reaparecendo no ano de 1974. Essas rupturas dos blocos Ride Palhaço e Bloco dos Democráticos estiveram vinculadas principalmente às questões econômicas, mas notamos que mesmo com a falta de dinheiro e desfile, a memória dos dois blocos continuava a vincular ano após ano. Assim sendo, a referência ao passado é uma maneira encontrada para manter a coesão dos grupos⁷⁶. Nesse sentido a memória faz alusão ao passado como forma de valorizar e monumentalizar o que se quer reafirmar, por isso, a todo momento as notícias recaem sobre os dois blocos, pois são eles os responsáveis por proporcionar o luxo pelo qual o carnaval passou a ser associado no século XX. Os jornais, ao enfatizar os dois blocos, podem ser entendidos por nós como um “lugar de memória”⁷⁷ afinal, auxiliam na difusão dessa memória coletiva. É neste sentido que as memórias oficiais são seletivas e muitas vezes excludentes, pois ocultam-se grupos e memórias. Assim,

... não devemos pensar a memória como mero depósito de dados e de informações relativas a coletividade ou a vida individual, devemos pensar na memória como instância criativa, como uma forma de produção simbólica, como dimensão fundamental que institui identidades e com isso assegura a permanência de grupos.⁷⁸

⁷⁵ SILVA, Zélia Lopes. Os carnavais de rua e dos clubes na cidade de São Paulo: metamorfoses de uma festa (1923-1938). São Paulo: Editora da UNESP, 2008, p.31.

⁷⁶ POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. Revista Estudos Históricos, v.2, n.3, 1989.

⁷⁷ NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Projeto História, São Paulo, dez, 1993.

⁷⁸ BARROS, José D’Assunção. História e memória – Uma relação na confluência entre tempo e espaço. MOUSEION, vol.3, n.5, Jan-jul./2009, p.37

Nesse sentido é que as menções recorrentes aos dois blocos forjaram e consolidaram uma memória coletiva, assegurando a continuidade e representatividade dos antigos carnavais. Entendemos que a memória é sempre coletiva onde se compartilham valores e experiências. Assim, enquanto alguns grupos sociais tentam recuperar essa memória a fim de glorificar e enaltecer o seu passado para reafirmar sua importância no presente, outros buscam reafirmar suas formas de pertencimento e identidade.

Cabe, portanto, entender como essa memória é utilizada e apropriada pelos diferentes grupos a fim de buscar uma compreensão para o desenrolar do processo histórico analisado e desconstruir processos de naturalização dessa memória, afinal, “vamos observando como memórias se instituem e circulam, como são apropriadas e se transformam na experiência social vivida”⁷⁹.

1.4. Club Santarritense: espaço de lazer e divertimento da elite santarritense

Ambos os blocos, Ride Palhaço e Democráticos, tiveram como sede para seus bailes de carnaval o Club Santarritense. Situado na área central da cidade, o clube fundado no ano de 1938 congregou diversas vezes os foliões dos dois blocos. A primeira notícia a fazer referência ao seu surgimento foi publicada em 1937, sob o título “O suntuoso e moderno Club Santarritense”. Os adjetivos suntuoso e moderno presentes já no título nos trazem a exaltação do que aos olhos do jornal seria uma grande obra para a sociedade santarritense.

⁷⁹ KHOURY, Yara Aun. Muitas memórias, outras histórias: cultura e o sujeito na história. In: FENELON, Déa Ribeiro et al. (org.). Muitas memórias Outras Histórias. São Paulo: Olho d'água, 2004, p. 18.

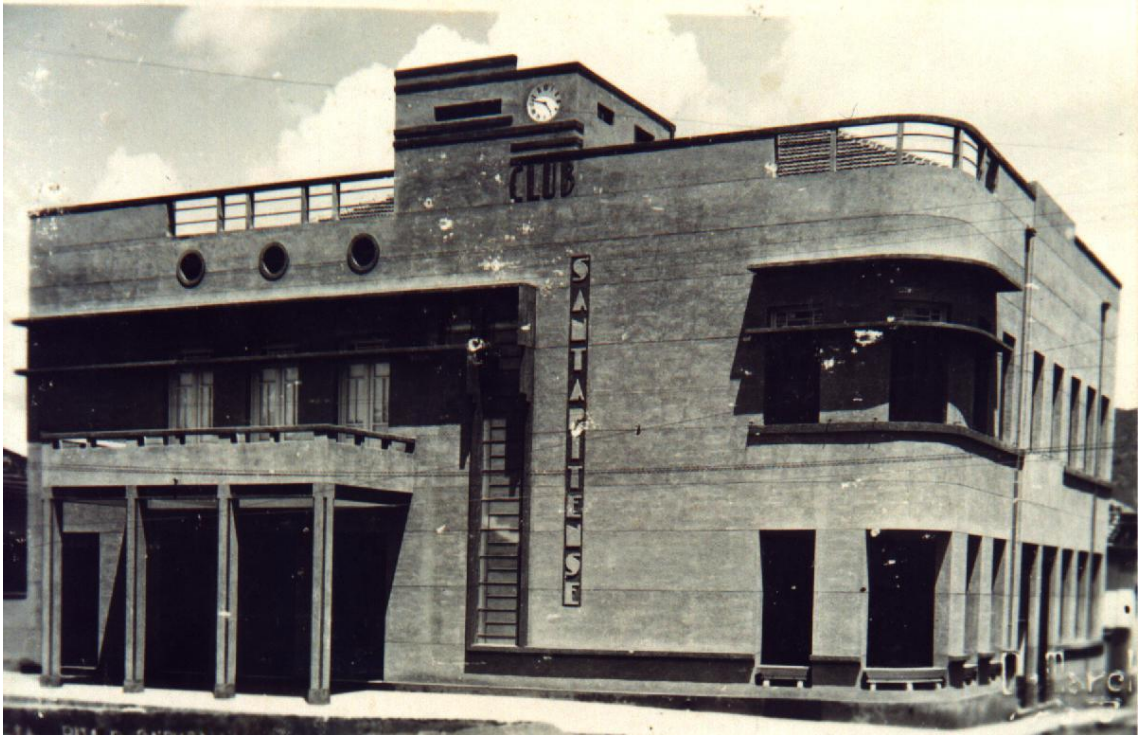


Imagem 07

Título: Fachada do Clube Santarritense

Fonte: Acervo particular de Luiz Carlos Carneiro

O espaço teve como fundadores: Dr. Edmundo Moreira Prado, Dr. João Capistrano, Dr. Rubem de Luna, Sr. Nilo Costa e Silva, Sr. Olavo Marques de Azevedo, Sr. Frederico Adami e, por último, o Sr. Benedito Rennó, na época presidente do bloco Ride Palhaço. Segundo o jornal, todos eles de “grande representação social”, ou seja, membros da elite com notabilidade grande na cidade, seja pela atuação, política e/ou econômica.

A sociedade santarritense já há longo tempo estava desprovida de um centro ou de uma sala de visitas, onde fosse possível receber hóspedes e levar a efeito suas reuniões sociais. Não demorou muito e uma comissão de figuras representativas de nossa sociedade tomou a cargo essa grandiosa tarefa de dotar nossa urbes de um Club, que por todos os seus aspectos, deixasse transparecer bem claro o grau de cultura e a força empreendedora dos habitantes de Santa Rita [...] Torna-se necessário também, que o santarritense se habitue novamente a frequentar essa casa de sociabilidade e se predisponha a se inscrever no seu quadro social emprestando assim, seu apoio e suas amabilidades de cidadão culto, para maior brilho das reuniões sociais da elite santarritense.⁸⁰

Através do discurso do jornal podemos perceber que o clube foi construído por membros da elite santarritense para ser um local frequentado pelos mesmos, pois este foi criado para servir como sede e mediador de reuniões e encontros de um único grupo. As desigualdades na cidade no início do século XX, portanto, não ficavam restritas apenas à moradia, ao trabalho e à educação, mas atingia também os espaços destinados ao lazer da população.

⁸⁰ Jornal O Correio do Sul. O Club Santarritense. 18 de maio de 1937, p.5.

Portanto, compreendemos que os bailes e reuniões no Clube Santarritense eram maneiras encontradas pela elite da cidade que buscava a afirmação e reafirmação de seu papel de destaque e representatividade social ao circular pelo espaço do Clube, local que demonstrava seu poder econômico, riqueza e sofisticação, além de emprestar sua “amabilidade de cidadão culto”, conferindo ao clube “maior brilho”. Dessa forma, o clube servia como local de encontros, de alianças matrimoniais, políticas e econômicas. O jornal pede que o santarritense se inscreva e frequente o recém-inaugurado clube da cidade, contudo questionamos: quais os critérios de seleção para frequentar o local? Através da memória comum sabe-se que as camadas populares esbarravam em diversas barreiras sociais como, por exemplo, a alta taxa mensal cobrada para associar-se e ter acesso aos bailes e demais eventos.

Em 1938, um ano após a construção do Clube Santarritense, foi proposto o remodelamento da praça central da cidade:

Aos que nos consta, a prefeitura local, no louvável intuito de dotar a cidade de logradouros modernos e decentes, vai promover o remodelamento completo da Praça Cel. Joaquim Ribeiro, retirando dali o acanhado jardim e adaptando-a para o estacionamento de autos. Essa medida, que não terá aplausos ao nosso dirigente, dará um aspecto inteiramente novo aquela praça, onde estão situados o majestoso “Clube Santarritense” e a sede dos Democráticos reformada. Com o remodelamento daquele logradouro, é óbvio que não poderá permanecer ali a herma que a admiração dos santarritenses erigiu a Ruy Barbosa, e que representa o culto de nossos habitantes pela sabedoria e pela cultura.⁸¹

Dessa forma, a instalação do Clube Santarritense na praça da cidade ajudou na perpetuação de um ideal de modernidade buscada pela elite, que via a necessidade de ampliar o espaço para a criação de estacionamentos para automóveis que, nesse momento, começam a substituir as charretes. O clube Santarritense, portanto, ao longo dos anos, foi o principal ponto de encontro e os bailes carnavalescos dos blocos Ride Palhaço e Bloco dos Democráticos tornaram-se frequentes e, ano após ano, passaram a constar em sua programação anual dos festejos mesmo quando os blocos não desfilavam naquele ano. Em 1947, o jornal *O Correio do Sul* publicou a portaria baixada pela diretoria do clube:

A Diretoria do Clube Santarritense desejando proporcionais aos seus estimados sócios quatro formidáveis bailes nos dias 15,16, 17 e 18 desde mez, tem o prazer de convidar todos os sócios quites, bem como suas exmas famílias para assisti-los.

Portaria baixada pela Diretoria do Clube para os 4 bailes carnavalescos:

1) – Só terá ingresso nas dependências do Clube Santarritense, durante o Carnaval, os srs. Sócios quites com a tesouraria.

⁸¹ Jornal O Correio do Sul. 20 de março de 1938.

- 2) – A Diretoria vem, mais uma vez, pedir aos srs pais não trazerem filhos menores de 14 anos, pois não será permitida a entrada dos mesmos, de acordo com a portaria baixada pelo Chefe de Polícia Federal.
- 3) – Afim de satisfazer as crianças santarritenses, o Clube fará realizar uma <matinée>, domingo, dia 16, às 14 horas, sendo distribuídos belos prêmios aos mais ricamente fantasiados.
- 4) – Qualquer rapaz de mais de 20 anos está sujeito pelos Estatutos do Clube a ser sócio do mesmo. Para isso deverá ser procurado o sr. Rodolfo Brusamolin, tesoureiro, que se encarregará de satisfazer todos os casos satisfatoriamente.
- 5) – A Diretoria, afim de evitar atritos ou descontentamento, não permitirá a entrada nos salões do Clube, os Blocos juntamente com os respectivos estandartes. Só será permitida a entrada de blocos visitantes, mediante ordem por escrito da diretoria tirada com antecedência.
- 6) – A diretoria do Clube avisa que, em hipótese alguma, permitirá a presença nos salões de pessoas embriagadas o que não estejam decentemente fantasiadas.
- 7) Não será permitido a nenhum sócio do Clube trazer em sua companhia pessoas residentes na cidade que não sejam sócios do Clube. Só se aceitam apresentações pelos sócios de pessoas visitantes ou residentes nas cidades vizinhas.

A Diretoria do Clube Santarritense, que tudo tem feito pelo brilhantismo das festas realizadas em seus salões, faz um sincero apelo à Sociedade Santarritense no sentido de que interprete esta portaria com amizade e apreço, porquanto a Diretoria deseja que os festejos carnavalescos transcorram com brilhantismo e distinção, para satisfação geral das famílias e todos os santarritenses que prezam seus predicados de educação e civilidade.⁸²

A portaria acima traça de certa maneira o perfil do local e das pessoas que o frequentavam. Apesar de rivalidade tradicional durante os dias de festa entre os blocos Ride Palhaço e Bloco dos Democráticos, os foliões dos dois blocos compartilhavam o espaço do clube santarritense no afã de realizar seus bailes carnavalescos.

A diretoria do Clube Santarritense desejando proporcionar aos senhores sócios e exmas. famílias, momentos de alegria, antecedendo a festa momesca, que está as portas, fará realizar hoje, dia 29, em sua sede social, um movimentado baile pré-carnavalesco, avançando nele, o grito de carnaval de 1956. Nesse baile serão também lançados os nomes das senhoritas que concorrerão ao título de Rainha do Carnaval de 1956 disputados por elementos dos saudosos Hora H, Democrático e Ride Palhaço, blocos que, em outras ocasiões, fizeram a cidade viver dias de grande animação e alegria, enchendo as ruas com ruidosas trombetas, caixas e vozes.⁸³

A rainha era eleita pela família da moça que arrecadasse mais dinheiro e, depois, notas sociais eram colocadas no jornal da cidade ao longo dos anos exaltando os convidados dos bailes, suas vestimentas e discursos feitos ao longo das noites reafirmando o local como importante provedor de status e a festa como importante espaço de hierarquia e distinção social.

Dessa maneira, é necessário compreendermos o processo de institucionalização dos bailes carnavalescos em ambientes fechados. Segundo Ferreira,⁸⁴ os bailes surgiram como uma

⁸² Jornal O Correio do Sul. Carnaval de 1947.9 de fevereiro de 1947, p.4.

⁸³ Jornal O Correio do Sul. Carnaval. Janeiro de 1956.

⁸⁴ FERREIRA, Felipe. O livro de Ouro do Carnaval Brasileiro. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

maneira encontrada pela elite e pela esfera governamental de por fim à prática do entrudo nas grandes cidades brasileiras no fim do século XIX e início do século XX. O entrudo, visto como retrógrado e atrasado, foi proibido, contudo a população continuava a persistir em sua prática. A solução encontrada foi se retirar para os salões e demais espaços fechados, onde ocorreriam bailes luxuosos condizentes com o discurso de modernidade que se pretendia implantar.

Essa diferenciação entre os que estavam nas ruas e nos salões reforçam as hierarquias sociais já existentes. Para Ferreira, “as disputas se estabelecem, pois, cada um dos grupos procura ocupar o espaço da festa e impor seu ponto de vista e sua forma de brincar”⁸⁵. Dessa forma, elucidar outras formas de organização e participação na festa nos ajuda a compreender a sociedade santarritense de maneira ampla.

⁸⁵ Ibidem. p. 69.

Capítulo II – Manifestações negras: o bloco carnavalesco Mimosas Cravinas

A década de 1930 representou, no cenário político-cultural brasileiro, um momento de valorização dos símbolos nacionais. Diante disso, o carnaval passou a ser pensado pelo poder público e pela população em geral como uma festa de caráter popular. Ora, e como festa popular, o carnaval seria momento de deixar as diferenças, desigualdades e as hierarquias sociais de lado e se divertir durante três ou quatro dias como semelhantes. Criou-se, portanto, “uma convivência ilusória de que a sociedade é igualitária e solidária”⁸⁶ durante esses dias. Entretanto, essa ideia de caráter popular do festejo muito repetida, foi uma criação desse período, que buscava homogeneizar a cultura brasileira. Essa concepção vem sendo combatida pela historiografia, afinal o carnaval é uma forma de manutenção da ordem social já existente. Os desfiles, os lugares destinados aos sujeitos sociais e suas características reforçam hierarquias sociais e não as anulam.

Nesse contexto da década de 1930, na busca pela “identidade brasileira”, símbolos como o carnaval e o mestiço transformaram-se em ícones nacionais e, “tal forma extremada e pretensamente harmoniosa de convivência entre os grupos foi, aos poucos, sendo gestada como um verdadeiro mito de Estado”⁸⁷. Com essa noção de identidade nacional, “pressupunha que tínhamos uma cultura homogênea e singular, resultado da miscigenação racial”⁸⁸. Contudo, ao contrapormos essa ideia, compreendemos que as festas se configuram como ocasiões especialmente racializadas e, portanto, geradoras de tensão.

Assim, ao refletir sobre a experiência de outros sujeitos sociais, partimos da trajetória de uma das manifestações das camadas populares, em especial dos negros, o bloco carnavalesco Mimosas Cravinas em que buscamos responder: quais eram os espaços dos negros no carnaval santarritense? Quais foram as estratégias adotadas por eles para participarem da festa? Quais suas principais características?

A primeira notícia encontrada nos jornais que fez referência ao bloco remonta ao ano de 1932. A matéria foi veiculada no *Jornal Santa Rita* sob o título de “Os pródromos do carnaval” [...] informam-nos que o bloco Mimosas Cravinas está em francos preparativos para

⁸⁶ LUCENA, Célia Toledo. A festa (re) visitada: (re) significações e sociabilidades. Anais do Centro de Estudos Rurais e Urbanos- CERU –USP, 2008, p.3.

⁸⁷ SCHWARCZ, Lilia Moritz. Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na intimidade. In: NOVAIS, Fernando & SCHWARCZ, Lilia Moritz (org.) História da Vida Privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea, São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

⁸⁸ ALBUQUERQUE, Wlamyra R. de; FILHO, Walter Fraga. Uma história do negro no Brasil. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006, p.225.

se apresentar condignamente durante os 3 dias do já ansiosamente esperado carnaval. [...] ⁸⁹ .A notícia, ao fazer referência aos preparativos do bloco, o traz como um dos “pródromos” do carnaval, ou seja, um dos precursores, uma vez que foi um dos primeiros a surgir na cidade.

Os responsáveis pela formação do bloco foram: a cozinheira Maria Idalina de Jesus, também conhecida como Maria Bonita, o músico Pedro Eduardo da Silva e o marceneiro José Phampero Rosa. O principal nome relacionado ao bloco durante os anos foi o de Maria Bonita, filha dos ex-escravos Balbino Lucas Ribeiro e Idalina Maria de Jesus, que esteve muitos anos à frente dos desfiles. Sobre ela e o Mimosas Cravinas, Lucrecia Adami rememora:

[...] depois que eu me lembre mesmo foram os blocos daquela época, o Hora H, o tira-teima que era da Rua do Queima, é como é que chama aquele outro?!... Ah, meu Deus, as Mimosas Cravinas! [sorri] Ah, que saudade da Maria Bonita que na nossa família nós a chamávamos de Bá, porque ela amamentou várias pessoas da minha família e era muito íntima da minha família, então, a gente a chamava de Bá! Tenho muitas saudades mesmo, Maria Bonita, Mimosas Cravinas [...] ⁹⁰

Maria Bonita, através do bloco Mimosas Cravinas, promoveu diversão para homens e mulheres pobres aliados do carnaval elitizado dos corsos e dos blocos Ride Palhaço e Democráticos. Na imagem abaixo, podemos ver a formação do bloco na década de 1930.

⁸⁹ Jornal Santa Rita. Os pródromos do carnaval. 17 de janeiro de 1932, p.6.

⁹⁰ Depoimento de Lucrecia Adami de Oliveira para o projeto “Resgatando a História de Santa Rita” da Academia Santarritense de Letras.



Imagem 08

Título: Formação do Bloco Mimosas Cravinas

Fonte: Site Empório de Notícias

A presença de diversos homens e mulheres negros, principalmente em comparação às imagens de formação dos blocos Ride Palhaço e Bloco dos Democráticos no capítulo anterior, demonstra o público alvo do bloco. Na parte central superior, vemos o que poderia ser o estandarte do bloco na década de 1930, ao que nos parece os já consagrados como símbolos do carnaval: arlequim e colombina. A fotografia, provavelmente, foi tirada em sua antiga sede que seria ampliada na década de 1950.

Destacamos também o cuidado com a vestimenta com as mulheres de vestidos e os homens alinhados em ternos. Tereza Pereira Ribeiro, mulher e negra, participou dos bailes e desfiles do bloco Mimosas Cravinas desde seus treze anos e reforça em seu depoimento “Não tinha financiamento não, era...cada um se virava com sua fantasia, ajudando Dona Maria, ela pedia, a gente ajudava [...] Não, não, tinha não, carros alegóricos só tinha Ride e Demo...e um bloco assim pobre, não tinha condições de ter um carro alegórico”⁹¹. Ao contrário de Ride Palhaço e Bloco dos Democráticos, o bloco Mimosas Cravinas não contava com a ajuda das tradicionais famílias santarritenses que, além das mensalidades, contava com os chamados livros de ouro, que arrecadavam dinheiro para custear a produção dos carros e fantasias. Era

⁹¹ Memórias de Tereza Pereira Ribeiro. Entrevista concedida no dia 8 de agosto de 2013.

portanto, um desfile sem fantasias luxuosas, mas pensado e trabalhado na coletividade. Além disso, como lembrado pela depoente, o bloco não possuía carros alegóricos, o desfile de todos os membros acontecia a pé pelo seguinte trajeto: saíam da Rua Nova, desciam o chamado Morro do Zé da Silva (Rua Antônio Moreira da Costa) e contornavam a praça central, por mais de uma vez.



Imagem 09

Título: Localização geográfica do percurso feito pelos blocos.

Fonte: Google Earth

Ao pensar nesse trajeto, podemos refletir sobre seu significado político. Afinal, a Rua Nova foi constituída no início do século XX como moradia de muitos negros, no período posterior à abolição na cidade. Como aconteceu nos grandes centros brasileiros, esses sujeitos sociais foram retirados dos centros e relegados às extremidades das cidades. Ou ainda, com a abolição, ao deixarem as fazendas, passaram a residir em locais menos privilegiados pela administração pública. Ainda hoje, há grande concentração de pessoas negras no bairro.

Ao descer o morro e passar pela Rua Antônio Moreira da Costa, o trajeto era marcado por casas de famílias tradicionais da cidade que acompanhavam a evolução dos blocos de suas

sacadas ou caminhavam junto a eles. A “apoteose final” acontecia na praça da cidade que, segundo memória corrente, até o início do século XX, era um espaço em que havia a separação entre negros e brancos. Nos dias destinados à folia, o espaço era partilhado pelos diversos grupos e sujeitos sociais.

Ao contrário dos blocos Ride Palhaço e Bloco dos Democráticos, que constituíam o chamado desfile-espetáculo com seus carros alegóricos e fantasias de luxo, o desfile do Mimosas Cravinas era mais simples. O que colocava o bloco na rua eram a força e união dos foliões que, muitas vezes, acabavam por confeccionar a sua própria fantasia. Portanto, o carnaval como ocasião especial é relacionado ao esforço de querer estar presente nessa folia mesmo com as dificuldades impostas pelo dia a dia, demonstrando a força do coletivo e a participação individual de cada um para constituir a folia.

Ainda no ano de 1932, o *Santa Rita Jornal* destacou:

Foi imprevisto e ruidoso o sucesso alcançado por esse cordão tal era a originalidade de sua organização tal era a surpresa dos cavalos e dos bois, que abriram ala por entre as gargalhadas estridentes e os aplausos da multidão admirada! Os bailes das Cravinas estiveram animadíssimos⁹².

Em 1936, o jornal *Correio do Sul* voltou a destacar as preparações do bloco:

[...] As<<Mimosas Cravinas>> já estão se preparando. O folião mor do <<bairro colored>>, que todo mundo sabe ser o <<ras>> Pedro Eduardo, já está treinando a <<bossa>> de compositor, e dizem que vai apresentar uma imensidade de primeiras audições. [...] ⁹³

A matéria destaca, além das audições, o local ao qual o bloco pertencia, a Rua Nova, colocada pelo jornal como “bairro de cor”. Dessa maneira, apesar do jornal exaltar positivamente o bloco na passagem acima, o termo utilizado limita esses sujeitos dentro dessa sociedade. Até os dias atuais, o bairro é alvo de preconceitos, nos mostrando como as construções históricas perduram no tempo e no espaço.

Nesse ano de 1936, o bloco desfilou no domingo, ao lado do bloco Ride Palhaço, “percorreu nossas ruas, mostrando que, o carnaval, em S. Rita, não encontra rival no Sul de Minas”⁹⁴. Após o desfile, o jornal destaca que a noite “em sua sede, debaixo de verdadeira ordem e respeito, este bloco ofereceu aos seus admiradores um pomposo baile que ocorreu em perfeita harmonia e fraternidade”⁹⁵. Outros termos constantemente apontados pela imprensa quando relacionados ao bloco fazem referência à ideia de ordem e harmonia, demonstrando

⁹² Santa Rita Jornal. Ecos do carnaval. 14 de fevereiro de 1932, p.2.

⁹³ Jornal O Correio do Sul, 13 de dezembro de 1936 p.2.

⁹⁴ Jornal Aço Verde. Carnaval. 16 de janeiro de 1936, p.4.

⁹⁵ Jornal Aço Verde. Carnaval. 16 de janeiro de 1936, p.4.

algumas tensões em relação ao espaço. Segundo Jonas Costa, até então, o bloco tinha uma pequena sede que, mais tarde, sofreria reformas e se transformaria na Associação José do Patrocínio⁹⁶. Ainda no ano de 1936, o jornal *Aço Verde* destacou:

Muito promete o carnaval aqui em nossa terra. Já há vários domingos têm saído fantasiados com muito gosto os Blocos Ride Palhaço, Democrático, Mimosas Cravinas, Bola Vermelha e Tira Teima. Os mesmos percorrem diversas ruas da cidade entoando magnificas músicas carnavalescas, terminando com animados bailes no Cine Teatro. Fala se até que nos hotéis são numerosos os pedidos das pessoas que vem passar esses 4 dias de alegria. Oxalá que tenhamos sempre em Santa Rita um carnaval tão animado e cheio de fama dentro, porém, da mais viva harmonia e maior cordialidade⁹⁷.

Primeiro, é mencionado pelo jornal que a cidade, durante o festejo, sofria uma movimentação de foliões de outras regiões, o que propiciava uma troca de diferentes práticas e experiências nos dias destinados à folia. O jornal também traz os blocos Mimosas Cravinas, Ride Palhaço e Democráticos em “harmonia” e “igualdade” ao trazer as músicas magnificas e bailes animados, enfatizando o “mito do carnaval” em que as diferenças seriam excluídas, ajudando na perpetuação de seu discurso oficial.

Contudo, é necessário refletirmos se essa concepção passada pelo jornal era realmente harmônica entre esses diferentes sujeitos, ou se há um silenciamento dos conflitos e tensões, afinal “a festa é, ao mesmo tempo, espaço de sociabilidades e de hierarquias, sistema de trocas e conflitos⁹⁸”. As relações, embora aparentemente harmoniosas, como citadas pelo jornal, exalam certa tensão, pois os espaços eram claramente delimitados durante a folia e nos anos seguintes o bloco Mimosas Cravinas foi pouco mencionado, apesar de continuar seus desfiles.

Na final da década de 1930 e início da década de 1940, houve um aumento dos bailes carnavalescos nos clubes e uma diminuição dos desfiles de rua. O bloco, assim como Ride Palhaço e Democráticos, voltou a desfilar somente no ano de 1946, após a Segunda Guerra. Nesse ano, além do bloco Mimosas Cravinas “com sua música genuinamente santarritense”, desfilaram Furação e Tira-Teima, também destinados às camadas populares. Outro bloco que nos chama atenção nesse ano é o “Quadrilha de Hitler” que, segundo o jornal, era “uma autêntica sátira aos pretensos conquistadores do mundo”.

Nos capítulos anteriores, já foi mencionado um dos possíveis motivos para essa ausência dos desfiles de rua nesse período: a participação de santarritenses no conflito da Segunda Guerra

⁹⁶ COSTA, Jonas. A rainha operária e sua colmeia negra. Joinville: Clube dos autores, 2010.

⁹⁷ Jornal Aço Verde. Carnaval. 20 de fevereiro de 1936, p.4.

⁹⁸ LUCENA, Célia Toledo. A festa (re) visitada: (re) significações e sociabilidades. Anais do Centro de Estudos Rurais e Urbanos- CERU –USP, 2008.

Mundial. Além disso, no cenário brasileiro até o ano de 1945, o Brasil vivia a repressão e ditadura do Estado Novo que, segundo Zélia Lopes, “não censurou apenas os órgãos de imprensa, mas igualmente a “circulação livre” dos possíveis alegres pândegos, redefinindo os espaços cenográficos que conformavam a efetividade dos festejos de Momo”⁹⁹.

No ano de 1948, o jornal *Correio do Sul* mais uma vez fez alusão ao desfile do bloco Mimosas Cravinas. Dessa vez, a partir de sua performance, fez suas considerações: “As Cravinas já nos habituaram às canções executadas com vozes vibrantes e afinadas, bem como às danças e aos passos endiabrados, que provocam sempre ruidosos e merecidos aplausos.” O jornal continuou “o que, porém maior brilho e esplendor e deslumbramento conferiu ao carnaval deste ano foi o cortejo dos pequenos e grandiosos carros alegóricos”. Assim, apesar do esforço do bloco Mimosas Cravinas, o que continuou chamando a atenção da imprensa foi o carnaval da elite ao fazer alusão aos carros dos blocos Ride Palhaço e Bloco dos Democráticos.

No ano de 1954, o jornal *Correio do Sul* destacou a participação de duas importantes foliãs do bloco Mimosas Cravinas: Maria Bonita e Dalila Eugênia.

Mais uma vez Maria Bonita e Dalila, as baluartes do bloco Mimosas Cravinas fazendo jus ao renome de que gozam arregimentaram suas <<pupilas>> e com elas deram o ar da graça, arrastando verdadeira multidão que não cansava de aplaudir a caravana da alegria sempre entusiasmada por uma bateria ritmada de tambores e caixas, e percorrendo as ruas da cidade conseguiram arrancar do grande público uma verdadeira consagração aplaudindo as <<morenas dos brincos dourados>>. Para elas, os nossos parabéns [...] ¹⁰⁰

Percebemos, através dos trechos acima, que o ponto-chave do bloco não eram os carros alegóricos mas a musicalidade, com muitos instrumentos de percussão como os tambores e as caixas, que imprimiam o ritmo a todo desfile e que possuíam resquícios das antigas práticas africanas, como o jongo. Se compararmos os desfiles dos três blocos, vemos que o bloco Mimosas Cravinas traz elementos mais simples em seu cortejo, mas sempre buscando reafirmar sua identidade negra.

A partir de 1961, os blocos Ride Palhaço e Bloco dos Democráticos não desfilaram, retornando somente em 1974. Nesse período, de quase quinze anos, o bloco Mimosas Cravinas continuou seus desfiles, contudo, com a ausência dos blocos elitizados, o carnaval ficou em segundo plano nas páginas dos jornais e somente pequenas menções foram feitas sobre os dias festivos.

⁹⁹ SILVA, Zélia Lopes. Os carnavais de rua e dos clubes na cidade de São Paulo: metamorfoses de uma festa (1923-1938). São Paulo: Editora da UNESP, 2008, p.23.

¹⁰⁰ Jornal O Correio do Sul. Carnaval. 14 de março de 1954, p.4.

No ano de 1969, o jornal *O Correio* voltou a destacar:

Nas ruas apresentam-se dois blocos revivendo o esplendor dos antigos carnavais. “Mimosas Cravinas” tendo a frente a sempre jovem Maria Bonita desfilou ao som de marchas vibrantes. Seus cordões, de pretos e brancos, faziam evoluções pela praça e seguiam para a Associação José do Patrocínio, onde a alegria se prolongava pela madrugada. O Presidente, Sr. João (Tuca) Balbino do Rosário, proporcionou aos sócios daquela entidade um carnaval ordeiro e animado.

Os sambistas do morro, desciam ao som de cuícas e pandeiros dando demonstração do verdadeiro samba brasileiro através de seus passistas, tendo à frente os irmãos Hélio e Paulo Gabriel dos Santos [...] de parabéns os organizadores dos blocos, que mesmo com pouco dinheiro souberam apresentar um espetáculo tão bom, e contribuir para animar ainda mais o nosso carnaval.¹⁰¹

O Mimosas Cravinas, através de seu cordão, congregava brancos e negros, principalmente provenientes das camadas populares. Novamente, ao referir-se aos bailes do bloco, o jornal salienta em palavras a ordem do espaço. Também do bairro Rua Nova, os Sambistas do Morro, formado por volta da década de 1960, foi um importante bloco para os negros na cidade. Segundo Luiz Carlos Carneiro, o lugar dos negros durante o carnaval era restrito ao Mimosas Cravinas, ao Sambistas do Morro e à Escola de Samba Sol Nascente.

O Sol Nascente fui eu que fundei, era meu. Fui eu, o Juca carteiro, o Samuelzinho, Zé Vitor filho do pai do Roque Junior, fundamos a escola de samba porque aqui o negro não tinha espaço. E tinha a escola, tinha o Bloco da Maria Bonita que era Mimosa Cravina da Maria Bonita. Aí surgiu do Tunico, que era os sambistas do morro sabe, mas não falava nada, só descia, é o sambista do morro, hohoho, é o sambista do morro e descia e dava uma volta na praça, era raça negra, era isso.¹⁰²

O seu depoimento é importante para pensarmos as diferentes formas de carnaval na cidade e os diversos sujeitos que dela participavam. Segundo ele, “aqui, o negro não tinha espaço”. Assim, a criação do Bloco Mimosas Cravinas é entendida como um processo de afirmação e propagação da cultura negra na cidade de Santa Rita do Sapucaí. A Escola de Samba Sol Nascente foi criada após os desfiles do bloco Mimosas Cravinas terem se extinguido, como maneira encontrada pelos negros de dar continuidade à festa.

Por isso a memória e experiência dos foliões é uma importante aliada nesse trabalho, pois é através dela que desconstruímos a ideia de uma festa popular, aberta para todos, harmoniosa e isenta de conflitos e tensões.

Adentrando a década de 1970, os festejos carnavalescos da cidade refletiram em suas regras o cenário nacional. Em plena Ditadura Militar, as diversas manifestações, fossem elas

¹⁰¹ Jornal O Correio. Sociedade e Sociais. 02 de março de 1969, p.4.

¹⁰² Depoimento de Luiz Carlos Lemos Carneiro cedido a esta pesquisadora em 19 de março de 2013.

políticas e/ou culturais, estavam cada vez mais sendo controladas pelos órgãos de repressão. Em 1971, foi publicada pela delegacia de polícia de Santa Rita do Sapucaí uma série de atribuições que deveriam ser seguidas pelos foliões. Ao destacar algumas delas, encontramos: “os préstitos, ranchos, cordões, escolas de samba, blocos caricatos ou agrupamentos carnavalescos só poderão sair às ruas quando seus dirigentes ou responsáveis estiverem munidos de alvará expedidos na capital pelo Serviço de Licenciamento de Diversões Públicas e, no interior, pela Delegacia de Polícia Local.”; “será proibido o uso de fantasias que ultrajem qualquer profissão, que imitem indumentárias religiosas ou que contenham peças dos uniformes das classes armadas”; “é vedado o uso de pós, líquidos não voláteis e de outras substâncias capazes de irritar ou molestar outrem, ficando seus recipientes, tais como bisnagas e seringas e outros sujeito à apreensão”; Os horários dos bailes carnavalescos também foram limitados até às quatro da manhã e os locais seriam fortemente fiscalizados¹⁰³.

No ano de 1973, os blocos Mimosas Cravinas e Sambistas do Morro receberam da prefeitura municipal “uma ajuda financeira de Cr\$ 500,00 (quinhentos cruzeiros)”. Uma das poucas imagens do bloco Mimosas Cravinas desfilando foi publicada no ano de 1974, pelo jornal *O Correio*.



Imagem 10

Título: Desfile Mimosas Cravinas em 1974

Fonte: Jornal O Correio

¹⁰³ Jornal O Correio. Secretaria de Estado de Segurança Pública de Minas Gerais. 21 de fevereiro de 1971, p.3.

Ao centro, Maria Bonita carrega o estandarte do bloco. Chama-nos a atenção o grande aglomerado de pessoas acompanhando o desfile. A fotografia foi publicada com a seguinte descrição:

Causando sucesso absoluto há mais de quarenta anos, deu outra excelente demonstração, MARIA BONITA, que pode ser considerada a RAINHA dos Carnavais Santarritenses. Acompanhando as << MIMOSAS CRAVINAS >> e apoiando todos os foliões, não se cansou por nenhum instante. Quando << Maria Bonita >> leva o estandarte, os clarins soam mais alto¹⁰⁴.

Na mesma matéria também encontramos informações sobre o desfile da Escola de Samba Sambistas do Morro naquele ano, que contou “com seus passistas e gingado contagiante de suas cabrochas num ritmo tipicamente brasileiro.” O jornal ressalta a participação negra do bloco ao associar o gingado das passistas à essência brasileira, discurso associado à mestiçagem cultural. Na imagem, vemos a porta-estandarte do bloco.



Imagem 11

Título: Desfile dos Sambistas do Morro em 1974

Fonte: Jornal O Correio

¹⁰⁴ Jornal O Correio. Tradição e Atualidade. 09 de março de 1974, p.1.

No ano de 1975, Maria Bonita foi consagrada “*Foliã número 1 do carnaval de Santa Rita do Sapucaí*”. Sua coroação ocorreu no Clube Santarritense, espaço, segundo memória corrente, restrito para muitas pessoas até meados da década de 1970.



Imagem 12

Título: Carnaval de 1975

Fonte: Acervo particular de Ronaldo Carvalho

Da direita para a esquerda, na imagem acima: Promotor Dr. Luiz Rennó Mendes vestindo azul, Maria Bonita com sua faixa de “Foliã nº 1”, mulher não identificada, um rapaz representando o Rei Momo com a chave da cidade, uma moça não identificada e por fim o prefeito da cidade, Capitão Paulo Cunha Azevedo. A chave foi entregue “às 09:00 horas da noite” ao rei Momo, pelas mãos do prefeito. O prefeito, ao entregar a chave da cidade ao Rei Momo, simboliza a suspensão provisória das regras cotidianas, pois, de acordo com a ideia popularizada sobre a festa, os dias de carnaval são dias em que ilusoriamente abolem-se as relações políticas e sociais estabelecidas.

Em seguida partirá em desfile pela Praça acompanhado por todos os blocos, onde será coroada a rainha do carnaval Srta. Dilza Mendes e Homenageada a < Foliã> n 1 de todos os Carnavais D Maria Idalina de Jesus (Maria Bonita) que por longos anos vem com seu bloco <Mimosas Cravinas> dando um colorido especial aos nossos festejos momescos. Na oportunidade receberá faixa e um diploma oferecidos pela Prefeitura Municipal, Comissão de Festejos do Sesqui, Secretaria de turismo e todos os blocos

de Santa Rita. Tudo isto é o Carnaval de 75, ano em que a cidade completa 150 anos de fundação.¹⁰⁵

Normalmente, a rainha do carnaval era eleita pelo poderio econômico, a família que mais arrecadasse veria sua filha/neta conseguir o cargo. O cargo de foliã número 1, destinado à Maria Bonita, está inscrito nos quarenta anos de história do bloco que nunca abandonou o cenário da festa. Em março, o jornal *O Correio* publicou o agradecimento de Maria Bonita:

Foi carnaval...
 Ganhei uma composição poética, e na lembrança deste pedacinho:
 <De Santa Rita
 É uma preta flor>,
 Vai o meu agradecimento ao sr. Dermeval Baraúna e também a Tribo dos Tropicanos salientando Celmo Adami e Dito Caputo que nos ofereceram carros a D. Zina Severini no arranjo das fantasias a juventude, que com esta preta velha sambou, sorriu; ao Cap. Paulo, digno Prefeito que com Dr. Luiz e Rubens, conferiram-me um título:
 <Foliã nº 1 de todos carnavais>
 Fiquei orgulhosa e acrescento:
 Sou uma foliã nata, ruidosa por natureza mesmo nos apertos, nas tristezas e nas dores.
 Bendita foliã que me faz sorrir sempre, suavizando-me o trabalho, encorajando-me a levar a vida.
 Nesta vida presente, já bastante idosa, quero com todos participar das comemorações dos 150 anos de vida desta minha querida terra, onde, trabalhando, sambando, chorando e sorrindo como foliã passei...¹⁰⁶

Os desfiles do bloco continuaram por mais seis anos. Em um documentário sobre a vida de Maria Bonita, João Balbino, conhecido como Tuca, relembrou uma das músicas do bloco:

Lindas Mimosas
 Procurando a triunfar
 E convida a todo mundo
 Para tomar parte desse carnaval
 Convidei Ride Palhaço, Democrático também
 E o tira-teima e o Furacão e mais alguém

Não se sabe exatamente quando essa música foi escrita, entretanto, ela faz alusão ao Tira-Teima e ao Furacão, blocos populares mas que não desfilavam mais, além de expressar a coletividade relacionada à participação de todos os grupos. A imagem abaixo, provavelmente da década de 1970, nos ajuda a perceber algumas características importantes do bloco.

¹⁰⁵ Jornal O Correio. O carnaval do sesqui chegou...11 de fevereiro de 1975, p.1.

¹⁰⁶ Jornal O Correio. Agradecimento.01 de março de 1975, p.6.



Imagem 13

Título: Maria Bonita desfila pelo Mimosas Cravinas

Fonte: Acervo Secretaria de Cultura

Em primeiro plano, sorrindo para a câmera, está Maria Bonita com um vestido branco, segurando o estandarte do bloco nas cores azul e branco. Naquele período, o bloco já recebia subvenções municipais para desfilar, entretanto, ainda sim, notamos que as roupas dos demais membros são roupas simples: as mulheres com saias rodadas floridas e os homens com calças azul ou vermelha. Ao fundo, um grande tambor, que provavelmente imprimia o ritmo ao desfile.

A criatividade se expressava, então, timidamente, no âmbito das fantasias, que eram simples, devido aos poucos recursos com que eles podiam contar, mas ela ganhava outro impacto no campo da música, dos sambas e marchas- sambadas especialmente compostas para o desfile e também na dança.¹⁰⁷

Nas janelas e varandas a população acompanhava os desfiles enquanto os blocos percorriam o trajeto. Nessa imagem, o bloco encontra-se próximo à Igreja Matriz e à praça central da cidade, onde o desfile encerrava-se.

Em sua obra sobre Maria Bonita, o jornalista Jonas Costa destacou:

¹⁰⁷ VON SIMSON, Olga R. de Moraes. Carnaval em preto e branco: comemoração e resistência étnico-cultural em São Paulo do século passado. In: 34º Encontro Nacional do CERU, 2008, São Paulo: Humanitas/CERU, p.49.

Por quase meio século, as Mimosas Cravinas desceram o morro com 80 a 100 pares de passistas. No início, latas de alumínio serviam de instrumentos para a bateria. As fantasias tinham pouco requinte – entre as mais comuns, estavam as de melindrosa (vestido de cintura baixa, corte reto e pontas esvoaçantes), baiana e índio. Os trajes das crianças eram ainda mais simples, confeccionados algumas vezes com papel crepom. Em boa parte dos carnavais, Maria Bonita foi porta-estandarte, distribuindo sorrisos, acenos e abraços aos incontáveis amigos. O traje que a imortalizou na memória coletiva era composto por turbante, grandes brincos de argola, blusa delamê e saia rodada de renda. Outras duas mulheres negras disputavam o posto de porta-estandarte das Cravinas: Dalila Eugênia da Silva e Maria Aparecida Rosa (Dadá).¹⁰⁸

Assim, ao participarem do festejo, os desfiles do bloco Mimosas Cravinas eram uma maneira de pertencer à essa sociedade e reafirmar sua identidade, pois através de suas danças e representações afirmavam suas características, não assimilando, portanto, o carnaval de cunho burguês dos carros alegóricos e fantasias luxuosas.

2.1. Das Mimosas Cravinas às Escolas de Samba: a transição da cultura negra na folia carnavalesca

O bloco Mimosas Cravinas, portanto, foi um importante elo entre as camadas populares e a festa carnavalesca na cidade de Santa Rita do Sapucaí. Ao se expressarem, definiam a festa que os representava e que, para eles, possuía significados. Entretanto, seu último desfile ocorreu no ano de 1980, quando recebeu da prefeitura municipal um auxílio de 15 mil cruzeiros para custear as despesas¹⁰⁹. No ano seguinte, foi criada na cidade a Escola de Samba Sol Nascente:

O passado ainda está vivo neste presente, enquanto sobreviver a mulher carnavalesca, remanescente da Raça Negra do Morro, aí criada, atravessando décadas de luta e trabalho. Baluarte das <<Mimosas Cravinas>>, bloco como dizia, do meu coração, a mão poderosa e amiga que movimentava a <<Associação José do Patrocínio>> sempre festiva; o ontem está no hoje, enquanto existir essa figura maravilhosa octogenária que bem há pouco, ainda sacudia o seu corpo cansado empunhando um <<estandarte>> com a ala jovem, se misturando feliz a sambar.¹¹⁰

Com a criação da escola de samba “o passado ainda está vivo” e o “ontem ainda está no hoje”, demonstrando a tentativa de não resistência das práticas dos negros na cidade, mesmo com o fim dos desfiles do bloco Mimosas Cravinas. No Brasil, esse momento é marcado pela criação e ascensão das ideias do Movimento Negro Unificado (MNU). Criado em 1978, o

¹⁰⁸ SILVA, Jonas Costa. A Rainha Operária e sua Colmeia Negra. Pouso Alegre: Univás, 2010, p.50.

¹⁰⁹ Jornal O Correio. 15 de março de 1980, p.3.

¹¹⁰ Jornal O Correio. Pérolas negras. 28 de março de 1981, p.1.

movimento buscou a valorização dos símbolos associados à cultura negra. Segundo Petrônio Domingues:

Para incentivar o negro a assumir sua condição racial, o MNU resolveu não só despojar o termo “negro” de sua conotação pejorativa, mas o adotou oficialmente para designar todos os descendentes de africanos escravizados no país. Assim, ele deixou de ser considerado ofensivo e passou a ser usado com orgulho pelos ativistas, o que não acontecia tempos atrás. O termo “homem de cor”, por sua vez, foi praticamente proscrito. [...] O movimento negro organizado “africanizou-se”. A partir daquele instante, as lides contra o racismo tinham como uma das premissas a promoção de uma identidade étnica específica do negro. O discurso tanto da negritude quanto do resgate das raízes ancestrais norteou o comportamento da militância. Houve a incorporação do padrão de beleza, da indumentária e da culinária africana.¹¹¹

Essas concepções e ideias refletiram diretamente no carnaval da cidade, que através das escolas de samba em seus desfiles, buscaram exaltar a participação e importância do negro na sociedade brasileira. A matéria acima trouxe ainda uma das composições da Escola de Samba Sol Nascente.

Com sua bateria,
Sol Nascente veio exaltar
As mulatas, com o seu gingo
Iremos o povo contagiar

No morro, Sol Nascente
Vem exaltar
Nossa Escola é mistério
Que o povo passou a acreditar
Que maravilha!
Olha, vamos moçada
Não deixe o samba acabar

<<O Africano>>

Foi o negro africano
Que entre lutas, este Brasil foi desbravando
Foi o negro africano
Quem entre lutas, este Brasil foi povoando
Uh! Sol Nascente
Leva esta rosa
Pro vovô NHO NHO
Digas que essa semente presente
É fruto da raiz que lá ficou

Nesse momento, além da escola Sol Nascente, também foi criada a Escola de Samba Azul e Branco, na qual Maria Bonita desfilou em 1988. Segundo as memórias de Jéssica Alcione Ribeiro:

¹¹¹ DOMINGUES, Petrônio, Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos históricos. Tempo, p.116.

Eu me lembro que quando fez 100 anos da escravidão né, da libertação dos escravos, chegaram a fazer uma, uma concentração dentro do salão. Tinha 10 anos, eu lembro até hoje que se concentraram lá, depois saiu homenageando os escravos, passando pegaram a Dona Maria Bonita que ela esperava pra desfilar no Azul e Branco. Eu lembro desses aí, mas os bailes bons mesmo não foi da minha época...¹¹²

O ano de 1988 marcou o centenário da abolição da escravidão no Brasil, após a assinatura da Lei Áurea. Nesse ano, a prefeitura da cidade autorizou um “crédito especial no valor de cinquenta mil cruzados para a Associação José do Patrocínio”, para “os festejos do Carnaval de 1988, cujo o tema principal foi os “100 anos da abolição da escravatura.”¹¹³” A imagem abaixo está em consonância com as memórias de Jéssica.



Imagem 14

Título: Maria Bonita desfila pela Escola de samba Azul e Branco

Fonte: Acervo da Secretaria de Cultura

Na imagem, vemos que o desfile faz alusão às correntes e ao tronco, elementos aos quais os escravos eram submetidos em seus castigos, demonstrando uma representação ainda recorrente.

¹¹² Depoimento de Jéssica Alcione Ribeiro.

¹¹³ Jornal O Correio. 09 de abril de 1988, p.4.

Em outras palavras, se a retórica do carnaval é de anular ou inverter as desigualdades sociais da vida cotidiana, ele de fato também dramatiza estas desigualdades, dando-lhes às vezes uma expressão que na vida cotidiana é apenas latente ou camuflada... as relações hierárquicas entre brancos e negros não são invertidas e nem tão pouco camufladas...Do ponto de vista dos negros o carnaval não dramatiza a existência de igualdade entre os homens; o que dramatiza é o desejo de igualdade e o reconhecimento de que ela não existe¹¹⁴.

Dessa maneira, apesar da predominância na imprensa dos blocos Ride Palhaço e Bloco dos Democráticos, os blocos negros como o bloco Mimosas Cravinas, os Sambistas do Morro e as Escolas de Samba foram espaços estratégicos para outros sujeitos sociais se encontrarem em meio à folia, afinal, “o Carnaval brasileiro não se tornou a cópia de sua matriz europeia, estava longe de ser suficiente para suprimir expressões das tradições negras...”¹¹⁵ que continuaram resistindo e reafirmando suas características.

¹¹⁴ RISÉRIO Antônio. Carnaval, as cores da mudança. Revista Afro-Ásia, Salvador, n.16, p.90-106, set. 1995.

¹¹⁵ ALBUQUERQUE, Wlamyra R. de; FILHO, Walter Fraga. Uma história do negro no Brasil. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006, p.228.

Capítulo III – A Associação José do Patrocínio: seus usos e práticas sociais

Ao estudar aspectos do movimento associativo dos negros na cidade, nosso olhar se deslocou para a trajetória da Associação José do Patrocínio, criada como espaço de congregação dos homens pobres e negros e palco dos bailes carnavalescos do bloco Mimosas Cravinas, a partir da segunda metade do século XX. Para isso, precisamos fazer uma breve reflexão sobre os principais pontos que abarcam o associativismo negro na historiografia.

De maneira geral, as “organizações negras são fundamentais na luta contra as desigualdades raciais no Brasil contemporâneo”¹¹⁶. Enquanto algumas foram criadas ainda no século XIX, preocupadas com as questões políticas relativas à abolição da escravidão, outras, no século XX, tinham preocupações que giravam em torno das péssimas condições de vida do negro.¹¹⁷

Flávio Gomes e Lilia Schwarcz destacaram o processo de articulação dessas associações negras em diversos períodos. Segundo eles, inúmeras associações abolicionistas foram criadas através do protagonismo de intelectuais negros como Luís Gama, André Rebouças e José do Patrocínio, entre as décadas de 1860 e 1880. Com a abolição da escravidão e as dificuldades decorrentes desse processo “essas associações procuravam congregar tais populações a partir de temas e problemas em comum”¹¹⁸.

Outro autor a se dedicar ao associativismo negro foi Petrônio Domingues. Ele salienta que os negros desenvolveram intensa vida associativa desde o período colonial com o objetivo de “satisfazer necessidades sociais, econômicas, culturais, religiosas e humanas”¹¹⁹. Com a implantação da República, a atuação dessas associações se multiplicou pois houve a expectativa de expansão dos direitos políticos e a criação de novos direitos sociais. Nesse cenário, portanto, associações com objetivos diversos foram criadas.

Algumas buscavam proporcionar amparo social, prestando serviços de cunho previdenciário: assistência médica, farmacêutica e jurídica, pensão por invalidez do associado ou dos seus dependentes em caso de morte, auxílio funeral. Eram, pois, associações de auxílio mútuo [...] outras associações concentravam atividades no campo cultural e educacional, investindo na formação de grêmios literários, corpos cênicos, grupos musicais e escolas. [...] Proporcionar lazer era um dos objetivos centrais de boa parte dessas associações. Eram as sociedades recreativas e dançantes...

¹¹⁶ ALBUQUERQUE, Wlamyra R. de; FILHO, Walter Fraga. Uma história do negro no Brasil. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006, p. 255

¹¹⁷ Ibidem, p. 255.

¹¹⁸ SCHWARCZ, Lilia M; GOMES, Flávio dos Santos. Dicionário da Escravidão e Liberdade. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p.40.

¹¹⁹ DOMINGUES, Petrônio. Associativismo Negro, p.114. In: SCHWARCZ, Lilia M; GOMES, Flávio dos Santos. Dicionário da Escravidão e Liberdade. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

Havia ainda aquelas mistas, que se propunham a realizar objetivos mais amplos, exercendo outros tipos de atividade ou se envolvendo em acontecimentos do cenário político-institucional.¹²⁰

Petrônio Domingues¹²¹ também abordou o movimento negro brasileiro durante a República, destacando as práticas associativas. Sua proposta foi esmiuçar suas principais estratégias em três períodos distintos: da Primeira República ao Estado Novo (1889-1937), da Segunda República à Ditadura Militar (1945-1964) e da redemocratização à Nova República (1978-2000). O primeiro período foi marcado pelo surgimento dos clubes, associações e da imprensa negra, preocupados em discutir a situação do negro no pós-abolição.

Ao longo da Primeira República, as associações negras se multiplicaram. Em linhas gerais, eram regidas por um estatuto e tinham um quadro administrativo eleito, incluindo cargos como os de presidente, secretário, tesoureiro, fiscal, diretor. Algumas possuíam sede social. Outras alugavam salões para o seu funcionamento e para realização de eventos. Sua principal fonte de recursos eram as mensalidades pagas pelos sócios. Para desenvolver laços de identidade, as sociedades criavam símbolos, como hino, estandarte e cartão de identificação.¹²²

Além da imprensa e associações, nesse período outra importante entidade com caráter político foi a Frente Negra Brasileira (1931-1937), organizada com o objetivo de unir e lutar pelos direitos dos negros. Contudo, com o Estado Novo, partidos políticos como a FNB foram fechados. Ainda segundo ele, “o Estado Novo não conseguiu amordaçar tais associações; fez, porém com que se retraíssem e perdessem parte do potencial reivindicativo”¹²³.

O segundo período (1945-1964), abarcou a reabertura da democracia e com ela o surgimento de diversas outras associações até o golpe militar de 1964, que “representou uma derrota, ainda que temporária, para a luta política dos negros. Ele desarticulou uma coalização de forças que palmilhava no enfrentamento do “preconceito de cor” no país”¹²⁴. Mesmo as associações de cunho recreativo ficaram na mira dos órgãos de repressão. Por fim, o terceiro período estende-se da redemocratização à Nova República (1978-2000), com a criação do Movimento Negro Unificado e a valorização do negro na sociedade brasileira.

Regina Pahim Pinto também dedicou-se a estudar o movimento negro na cidade de São Paulo. Para ela, “o negro brasileiro sempre desenvolveu vida associativa, seja na forma de

¹²⁰ DOMINGUES, Petrônio. Associativismo Negro, p.114. In: SCHWARCZ, Lilia M; GOMES, Flávio dos Santos. Dicionário da Escravidão e Liberdade. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p.114-115.

¹²¹ DOMINGUES, Petrônio, Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos históricos. Tempo, p.100-122.

¹²²DOMINGUES, Petrônio. Associativismo Negro, p.114. In: SCHWARCZ, Lilia M; GOMES, Flávio dos Santos. Dicionário da Escravidão e Liberdade. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. p.115.

¹²³Ibidem, p. 117.

¹²⁴ DOMINGUES, Petrônio, Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos históricos. Tempo p.111.

sociedades de ajuda e de irmandades que já existiam desde antes da Abolição, seja na forma de outras associações”¹²⁵. Conhecer dessa maneira o funcionamento e estrutura das organizações negras nos ajuda a compreender como estas se representavam, afinal:

As sociedades mais organizadas tinham, inclusive, um regulamento ou um estatuto que especificava as finalidades da entidade, as regras visando a sua organização e funcionamento, tais como eventos que deveriam promover regularmente, os direitos e os deveres do corpo administrativo e dos sócios, o seu perfil, as regras para sua admissão e desligamento, bem como para a sua frequência às sociedades¹²⁶.

Essa estrutura é reforçada pelo historiador Flávio Gomes, que desmitifica a ideia dessas organizações negras como não politizadas.

Apesar dos diversos jornais e entidades criados desde o final do século XIX, na rara literatura a respeito cristalizou-se uma imagem das associações negras como pouco organizadas e não politizadas. Isso por supostamente não houver interesse de suas lideranças no sentido de ampliação ou de intervenção política a partir de um conjunto de reivindicações mais específicas. Sem pesquisas sistemáticas que incluam outras áreas além de São Paulo, esse tem sido um argumento repetido de forma generalizada. No entanto, é muito complicado generalizar e criar uma imagem homogênea para diferentes associações, estratégias e objetivos.¹²⁷

Fernanda Oliveira da Silva¹²⁸ buscou as experiências e agência dos negros pelotenses entre os anos de 1820 a 1943, passando pelas irmandades, associações de cunho abolicionista e do pós-abolição. Para ela, esses clubes eram espaços nos quais a identidade negra positiva era exteriorizada e os negros “não passavam por constrangimentos proporcionados pelo preconceito dos não negros”.

Ao trabalhar o carnaval negro na cidade de São Paulo, Zélia Lopes apontou a importância dos clubes e associações para a interação da comunidade negra. “Ao oferecerem atividades múltiplas, essas associações viabilizaram a esses estratos sociais a ampliação de suas relações de convívio e o engendramento de práticas sociais mais diversificadas”¹²⁹. Dessa maneira, ao traçar a trajetória da Associação José do Patrocínio na cidade de Santa Rita do

¹²⁵ PINTO, Regina Pahim. O movimento Negro em São Paulo: luta e identidade. Ponta Grossa: Editora UEPG. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 2013, p. 63.

¹²⁶ Ibidem, p. 78.

¹²⁷ GOMES, Flávio dos Santos. Negros e política. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

¹²⁸ SILVA, Fernanda Oliveira da. Os negros, a constituição de espaços para os seus e o entrelaçamento desses espaços: Associações e Identidades negras em Pelotas (1821-1943). Dissertação de mestrado, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2011.

¹²⁹ SILVA, Zélia Lopes da. A memória dos carnavais afro-paulistanos na cidade de São Paulo nas décadas de 20 e 30 do século XX. Diálogos (Maringá. Online), v. 16, supl. Espec., p. 37-68, dez./2012, p.44.

Sapucaí, busca-se elucidar as formas de organização do clube, as estratégias traçadas com a criação desse espaço e os usos e práticas que permearam o local durante a folia carnavalesca e nos demais dias do ano ao longo do século XX.

3.1. Quadro administrativo e diretrizes da Associação José do Patrocínio

A versão impressa do estatuto da Associação José do Patrocínio explicita que ela foi “Reorganizada em 1929, registrada sob o n. 566, no Livro de Registro de Pessoas Jurídicas do Cartório do 1º Ofício de Belo Horizonte, em 15 de dezembro de 1944” e teve seus estatutos reformados “sob o n. 268 no Cartório Oficial Privativo de Registro de Pessoas Jurídicas em Belo Horizonte, no dia 23 de dezembro de 1952.”

Anterior à Associação, Jonas Costa destacou que o ano de 1929 referia-se provavelmente ao Clube 13 de Maio “cuja existência já era documentada no início da década de 1920” pelo informativo do Clube 28 de Setembro da cidade vizinha, Pouso Alegre.¹³⁰ A pesquisa nas fontes demonstrou que de fato, existiu na cidade o Clube 13 de Maio. Em matéria de 1932, publicada no *Santa Rita Jornal*, encontramos sob o título “O trabalho e nossas Associações de Classe” a diretoria composta por: José R. Dias, José Pamphirio, Maria Rosaria, e Geralda Lay. A matéria também faz menção ao “Club Mimosas Cravinas” seguindo os nomes de: José Theodoro, Sebastião Monteiro, José R. Dias, José Barcellos, Laudelina Barcellos, Benedicta Silva e José Pamphirio.

Assim, a organização negra na cidade antecede o ano de 1944, quando temos a criação da Associação José do Patrocínio registrada como “sociedade beneficente”. No primeiro artigo do seu estatuto destaca que compõe-se de número ilimitado de sócios sem distinção de raça, nacionalidade ou religião. Dentre os objetivos centrais da organização estavam: “desenvolver o sentimento de solidariedade entre os trabalhadores”, “dar-lhes consciência de sua dignidade e da igualdade de todos os homens”.

Nesse primeiro momento a organização estava, portanto, preocupada com os trabalhadores da cidade. Tanto que, um dos objetivos era “solenizar a data de 1º de maio”. Fica claro que a associação não se restringia apenas aos negros da cidade, pois congregava de maneira geral as camadas populares. Entretanto, ao longo dos anos, por conta do bloco carnavalesco Mimosas Cravinas, e da predominância de trabalhadores negros, o local passou a

¹³⁰ COSTA, Jonas. *A rainha operária e sua colméia negra*. Joinvile: Clube dos Autores, 2010, p. 56.

imagem para a cidade como “clube negro”, e passou a agregar algumas das práticas culturais a fim de reafirmar a identidade negra.

A escolha do nome da Associação foi pensada a partir do abolicionista José do Patrocínio:

José do Patrocínio teve participação destacada na imprensa carioca e nas reuniões abolicionistas. Nascido em Campos, no Rio de Janeiro, Patrocínio era filho de um padre fazendeiro, dono de escravos, e de uma mulher negra vendedora de frutas chamada Justina Maria do Espírito Santo. Aos vinte e oito anos já era famoso por seus discursos exaltados, emotivos e teatrais. Ao lado de Joaquim Nabuco, importante abolicionista pernambucano, fundou a Sociedade Brasileira contra a escravidão.¹³¹

Sua localização fica no centro da cidade, na Rua Coronel Joaquim Inácio. Aloisio Ribeiro destacou que “essa era a rua de maior movimento de nossa cidade, pois dia e noite tinha transeuntes a discutir as coisas da vida”¹³². Em frente à Associação está o Centro Operário, e ambos compartilharam muitas vezes dos mesmos frequentadores, que se alternavam entre um baile e outro. Além disso, também encontrávamos na época o Bar do Bueno, a farmácia do Sr. Tônico, a padaria do Alemão, a carpintaria do Senhor Herculano Silva e a venda do Sr. Jacob Carli. A rua, dessa forma, possui grande circulação por ser uma rua comercial.

Como já mencionado anteriormente, muitas dessas associações possuíam um quadro administrativo, eleito regularmente. Ainda segundo seu estatuto, “A sociedade será administrada por uma Diretoria operária, eleita anualmente e composta de quinze (15) membros” sendo “o presidente, vice-presidente, tesoureiro e os seis membros do conselho fiscal” eleitos por votação e os demais cargos nomeados.

O quadro abaixo foi elaborado de acordo com informações colhidas nos jornais da cidade. Através dele, foi possível destacar alguns mandatos completos em três momentos diferentes. É interessante notar que, em 1955/1956, Maria Bonita foi diretora do Departamento Feminino e, em 1967, Diretora do Departamento Social. Além dela, somente outra mulher fez-se presente na diretoria como oradora, Dalila Eugenia da Silva.

¹³¹ ALBUQUERQUE, Wlamyra R. de; FILHO, Walter Fraga. Uma história do negro no Brasil. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006, p.180.

¹³² Jornal O Correio. Coisas da vida. Aloisio Ribeiro. 19 de março de 1977, p.2.

QUADRO ADMINISTRATIVO DA ASSOCIAÇÃO JOSÉ DO PATROCÍNIO

Década de 1950 e 1960

	1950-1951	1955- 1956 ¹³³	1963 ¹³⁴	1967
Presidente	Mario de Souza	Joaquim Eduardo Moreira	João Venceslau Candido	João Balbino do Rosário
Vice-presidente	Maria Idalina	Benedito Candido Humberto	Mário Reginaldo	Benedito Moreira da Silva
Tesoureiro	Joaquim Jacinto Bueno	1º Sebastião Justino 2º Cesar Duarte	José Valcanti	Angelo Borsato
1º secretário	Atayde Jonas Franco	José Rafael Filho	Reynaldo Adami	Ricardo Crisóstomo J. Bueno
2º secretário	Sebastião Justino	José Crescencio	Leopoldo Teodoro Ribeiro	José Geraldo Telles
Procurador	José Felicio	José Felicio	--	
Orador	Sarjob Silba	Dalila Eugenia da Silva	João Bento da Silva	Dr. Paulo Cunha Azevedo e João Bento da Silva.
Bibliotecário	José Crescencio	--	Benedito de Souza	
Fiscal de Sessão	José Margarida	João Bento da Silva		
Conselho Fiscal	Benedito Umberto, Arlindo Inacio, Joaquim Eduardo Moreira, Benedito Gabriel dos Santos, Benedito Felisberto e Pedro Afonso.	José Margarida, Miguel Rodrigues, Joaquim Domingos de Oliveira, Benedito Marcolino, José Marcolino, José Severini e Jair Firmino.	João Ananias Ribeiro, Naime Dionisio de Melo, Joaquim Pedro Gaudino, Jair Pedro da Silva, Joel Gustavo e José Rocha.	Benedito José Ribeiro, Benedito Domingos Rodrigues, Sebastião Gomes da Silva, Alfredo Bartolomeu e Benedito Alencar de Oliveira.
Porteiro	--	Joaquim Euflauzino	--	
Diretora do Departamento Feminino	--	Maria Idalina	--	
Diretora Social	--	--	--	Maria Idalina

¹³³ Jornal O Correio do Sul. Associação <<José do Patrocínio>>. 22 de maio de 1955, p.4.

¹³⁴ Jornal O Correio do Sul. Associação Santarritense << José do Patrocínio>>. 17 de fevereiro de 1963, p.2.

Em sua grande maioria, eram homens e mulheres negros. Cada cargo possuía uma função discriminada pelo estatuto, sendo as principais, ao presidente “representar a associação”, ao vice-presidente “presidir as sessões do conselho fiscal”, ao 1º secretário “lavrar as atas das reuniões”, ao 2º secretário “auxiliar o primeiro secretário”, ao tesoureiro a responsabilidade pelo caixa e balancete geral, ao orador “representar a Sociedade nas solenidades em que ela tomar parte”, ao procurador as contribuições de cada sócio, ao conselho fiscal a abertura das sessões e ao bibliotecário “conservar em boa ordem a biblioteca da Sociedade.”

A imagem abaixo, provavelmente da década de 1960, traz a formação da diretoria. Nela, vemos a presença das duas mulheres, Maria Idalina de Jesus, a Maria Bonita, e Dalila Eugenia da Silva.



Imagem 15

Título: Diretoria da Associação José do Patrocínio

Fonte: Acervo da Associação José do Patrocínio

Para se tornar sócio da Associação, o interessado deveria submeter uma proposta que seria discutida pela Assembleia e caso tivesse o maior número de votos, seria admitido. Era cobrado aos sócios uma joia no valor de Cr\$ 10,00 (dez cruzeiros) e uma mensalidade de Cr\$ 3,00 (três cruzeiros) para homens, e Cr\$ 2,00 (dois cruzeiros) para mulheres. Os sócios eram divididos em quatro categorias: contribuintes, benfeitores, correspondentes e fundadores. Os

contribuintes “são aqueles que concorrem com uma joia de entrada e uma contribuição mensal para a manutenção da sociedade”, os benfeitores eram isentos de pagar joia e mensalidades uma vez que “tenham feito donativos de quantias ou valores superiores a Cr\$ 500,00 (quinhentos cruzeiros) ou prestado serviços relevantes para a Sociedade”, os correspondentes “são aqueles que como sócios correspondentes, tiverem de residir fora do distrito” e, por fim, os fundadores da Associação.

Maria Idalina de Jesus, a Maria Bonita, circulava entre dois mundos: o das camadas populares e da elite santarritense. Diante disso, a Associação recebeu, ao longo dos anos, algumas contribuições. Em 1951, Sinhá Moreira, filha do Coronel Chico Moreira, doou o terreno ao lado para ampliação da sede e, ao longo dos anos, auxílios municipais e estaduais foram feitos, principalmente por deputados ligados a UDN como Bilac Pinto e José Cabral.¹³⁵ Maria Bonita, por conta da sua proximidade com parte da elite da cidade, era partidária da União Democrática Nacional.

Outro membro da Associação a se filiar ao partido foi Sebastião Justino, que ocupou os cargos de secretário e tesoureiro.

Sempre esteve à direita na política. Nos tempos do Bilac Pinto e do Coronel Chico Moreira, ele pertencia a União Democrática Nacional (UDN), nos tempos dos governos da caserna, ele era da Aliança Renovadora Nacional (Arena) e nos tempos da Nova República pertence aos quadros do Partido da Frente Liberal (PFL). Seu Justino saiu candidato a vereador duas vezes. Na primeira eleição que seu Sebastião disputou no ano de 1973, ele empatou em números de votos com Plínio Cunha Azevedo, que acabou se tornando vereador na recontagem dos votos. Na segunda vez que disputou a eleição, Justino conta que saiu candidato por livre pressão. Ele não queria mais disputar uma eleição, só que o partido o colocou na disputa eleitoral.¹³⁶

Assim, a partir de articulações político-culturais, Maria Bonita e seus membros possibilitaram à Associação José do Patrocínio grande representatividade social na cidade, pois no local, além das classes populares, circularam também membros da elite santarritense, principalmente em solenidades oficiais como o 13 de Maio.

3.2. Solenidades oficiais – O 1º e o 13 de Maio

Michelle Perrot destaca que “o espaço não é unicamente em sua materialidade. Mais adequado seria compreendê-lo como lugar de relações, sejam sociais, culturais, econômicas, de

¹³⁵ COSTA, Jonas. A rainha operária e sua colmeia negra. Joinville: Clube dos autores, 2010, p.58.

¹³⁶ < <http://www.usinadeletras.com.br/exibelotexto.php?cod=451&cat=Cr%F4nicas&vinda=S> > acessado no dia 26 de fevereiro de 2014.

luta, de resistência, etc.”¹³⁷. Portanto, buscamos analisar a Associação José do Patrocínio além de suas fronteiras físicas, pensando nas diversas relações sociais e práticas políticas e culturais do espaço no decorrer da segunda metade do século XX.

Pensando nas camadas populares e trabalhadores da cidade, o estatuto deixava registrado que “a diretoria deverá fazer esforços para bem comemorar a data de 1º de maio”. Vemos que nos anos que se seguem essa data passa a fazer parte das festividades da Associação. Normalmente, além da sessão cívica, as comemorações contavam com farta mesa de quitutes e uma reunião dançante. O jornal *Correio do Sul* destacou a solenidade do ano de 1946. Organizada pelo presidente da época, Sebastião Eugenio da Silva, a Associação “organizou uma pequena sessão cívica, na qual ele mesmo e o orador convidado discorreram sobre a data, mantendo assim viva a consciência do trabalhador santarricense”. Nos anos seguintes, a Associação compartilhou a data com o Centro Operário.

Já em relação aos bailes do 13 de Maio, a Associação José do Patrocínio solenizou a data por muitos anos. Para isso, elegia-se uma diretoria responsável por estruturar a ocasião. Abaixo, alguns festeiros responsáveis no decorrer dos anos.

DIRETORIA DO 13 DE MAIO

ANO	FESTEIROS
1944	João Ventura; Pedro Alfredo e Djanira Ricardo
1946	Sebastião Eugênio da Silva e Maria Bonita
1947	Benedito Humberto e Maria Rosário
1948	Sebastião Justino e Maria Nazaré
1951	José Margarida e Benedita Joaquina Conceição
1952	José de Freitas e Antônio Casseiro
1966	João Bento da Silva e esposa
1970	Vitor Marcolino

Os festeiros eram responsáveis por organizar todas celebrações que ocorriam no dia: sessão cívica, missa e baile dançante. Nesse dia, havia grande presença da elite branca e políticos no espaço que faziam discursos em prol da data. Em 1969, o jornal *O Correio* publicou:

¹³⁷ PERROT, Michelle. Os excluídos da História: operários, mulheres e prisioneiros. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998, p.29.

Em comemoração à data da Abolição da Escravatura, a Associação José do Patrocínio reuniu no dia 13, membros de toda a sociedade santarritense em uma sede social. A presidência da mesa coube ao reverendo Padre José Carlos de Lima Vaz, estando presentes ao acontecimento o Dr. Arlette Telles Pereira, Prefeito Municipal [...] e a eterna rainha da associação, Da. Maria Bonita e outros.¹³⁸

Além dos discursos de membros da elite, havia o discurso da rainha do 13 de maio. Todo ano era realizado um concurso para eleger as rainhas do 13 de maio. Para isso, era necessário que fossem arrecadados fundos que seriam investidos na Associação. A imagem abaixo é, provavelmente, da década de 1960. Nela, em primeiro plano, a vencedora daquele ano. No fundo, podemos ver que além da escolha da rainha, também eram eleitas princesas.



Imagem 16

Título: Discurso da Rainha do baile

Fonte: Acervo da Associação José do Patrocínio

Outra fotografia, dessa vez da década de 1970, mostra Maria Bonita sentada ao lado do então prefeito da cidade, Ronaldo de Azevedo Carvalho e sua esposa.

¹³⁸ Jornal O Correio. 18 de maio de 1969, p.4.



Imagem 17

Título: 13 de maio, década de 1970.

Fonte: Acervo particular de Ronaldo de Azevedo Carvalho

Ao fundo nos chama a atenção a rainha, em trajes remetendo à sua coroação. Segundo Petrônio Domingues,¹³⁹ a data do 13 de maio foi, durante muito tempo, oficializada e festejada pelas organizações negras em comemoração à abolição da escravidão. Entretanto, a partir da década de 1970 e as reflexões propostas pelo Movimento Negro Unificado, adotou-se como data comemorativa e política o dia 20 de novembro. Na cidade de Santa Rita do Sapucaí, entretanto, o 13 de Maio continuou a ser solenizado nas décadas de 1980 e 1990.

3.3. Bailes, identidade negra e folias carnavalescas na Associação José do Patrocínio

Além das solenidades oficiais, outras práticas festivas também ocorriam no espaço. Aos finais de semana, eram comuns bailes reunindo diversas pessoas buscando diversão. A imagem abaixo refere-se provavelmente à década de 1950. Nela, podemos observar o salão lotado tanto de homens e mulheres negros quanto brancos, o que nos leva a pensar na circularidade e diversidade do espaço.

¹³⁹ DOMINGUES, Petrônio, Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos históricos. Tempo, p.100-122.



Imagem 18

Título: Baile na Associação José do Patrocínio

Fonte: Fotografia retirada do Facebook

Os bailes formais eram apenas uma das formas de sociabilidade que ocorriam no salão. Segundo Tereza,

[...]Os rapaz ia de social, até eu achava muito bonito uma roupa social pra um rapaz que hoje em dia eles não vestem muito bem não, eu achava muito bonito, gravata, e as meninas era vestido de baile, era uns pobrezinhos de pobre de negro, mas as menina ia muito bem vestida.¹⁴⁰

Além dos bailes, muitos chegaram a se casar no espaço. Não conseguimos identificar os noivos da imagem abaixo, contudo, pensamos que a escolha da Associação José do Patrocínio para oficializar um momento tão importante está relacionado à identificação com suas propostas.

¹⁴⁰ Memórias de Tereza Pereira Ribeiro. Entrevista cedida em 08 de agosto de 2013



Imagem 19

Título: Casamento na Associação José do Patrocínio
 Fonte: Acervo da Associação José do Patrocínio

Quem também casou na Associação foi Tereza Ribeiro Pereira. Ela rememora que foi ali que teve os primeiros contatos com o seu futuro marido:

Ele era músico da casa, tinha um conjunto, ele tocava, foi aí que eu conheci , dançando conheci [risos], aí começou a namorar, naquela época era aquela paquerinha, aí levamos a sério, a gente casou ,formamos uma família, começou lá na Associação José do Patrocínio, que ele era músico, e sempre foi músico de lá, da associação, sempre tocou lá.[...] Ah, todos eram marcantes, todos eram boa, eu gostava, mas o ano que mais marcou pra mim, foi o dia do casamento, ela, Dona Maria fez pra mim, pra minha festa, doce, tudo que tinha direito, e o baile do meu casamento, teve um grande baile na Associação José do Patrocínio, esse dia foi marcante.

Dos momentos individuais aos coletivos, as práticas culturais na Associação foram diversas:

Falar em lazer, em eu me lembro de falar da minha casa, da nossa casa. É um grande prazer. Ali conhecemos o ponto de partida para o aprendizado das danças, dos boleros e valsas. Falo das Cravinas, Sociedade José do Patrocínio (o baluarte da abolição dos escravos) – muito bem lembrado pelo povo de minha terra. Foi naquele salão de festas, que aprendemos os primeiros passos. As “Cravinas” era nossa escola, para debutarmos no Clube Santarritense. Era ali que aprendíamos a dançar e a beber, a ter os primeiros contatos sem agitações, com amizade e amor, para com a sociedade, era uma roda de amigos: pretos e brancos, se misturavam em uma só alma. [...] Nos dias de hoje, todos os bailes são programados com grande antecedência, pois são espaçosos demais. Naquele tempo não, todos os sábados e feriados, eram motivos de uma grande festa, sem contar o 13 de maio, que era uma super festa onde todos os negros sem exceção, faziam roupas novas. Era um dia sagrado, uma grande noite, a noite de gala.

Ali conhecemos o tambu, dança dos negros africanos, era um tambor apoiado no chão, e quando o som enfraquecia era esquentada com fogo e seu coro banhado com pinga, era de uma sonoridade sem igual. Sempre havia uma fogueira de lado, para esquentar os ânimos, nas noites de frio. Também havia um negro velho, que cantava o ponto, e os outros em coro, respondiam os versos da canção. [...] ¹⁴¹

A associação congregava múltiplas práticas, aliando os boleros às valsas e ao tambu. Bolero é uma dança sensual, dançada a dois, surgida na Espanha e que foi ao longo dos anos se adaptando, sendo incorporada inclusive pela cultura africana. A valsa chegou ao país com a família real e era apresentada nos grandes salões da corte. Portanto, ambas as danças eram provenientes da elite. Já o tambu, também conhecido como batuque, teve sua origem nos povos bantos que chegaram ao país, principalmente de Angola e Moçambique. O tambu, nome dado ao tambor feito de troncos escavados era muito utilizado pelos escravos durante o período escravagista em suas festas, como meio de sociabilidade, mas também como forma de resistência à escravidão pois, em suas letras e sons, estavam contidas memórias africanas.

Marta Abreu e Hebe de Mattos¹⁴², ao estudarem três comunidades quilombolas remanescentes na cidade do Rio de Janeiro nos dizem que o tambu era também conhecido como jongo e caxambu, sendo uma prática que articula dança, canto e percussão dos tambores. Ainda segundo elas, a presença das fogueiras como colocadas pelo depoimento acima “para esquentar os ânimos, nas noites de frio” era uma forma de cultuar os ancestrais africanos, importante aspecto das manifestações religiosas desses povos. Assim, o tambu praticado na Associação é uma maneira de lutar e resistir ao apagamento de sua cultura, pois com a prática há a afirmação da identidade do grupo.

Além disso, como já mencionamos, a Associação era a sede dos carnavais do bloco Mimosas Cravinas. Muitas vezes, as preparações começavam no espaço, e quando o bloco não descia da Rua Nova, era dali que os foliões partiam. Os bailes carnavalescos ocorriam normalmente nos três ou quatro dias. Em 1946, já destacavam as notícias:

Os bailes no Clube Santarritense, Centro Operário e no salão José do Patrocínio, estiveram divertidíssimos e muito concorridos. Intermináveis cordões serpenteavam pelas salas de baile, carregando velhos e moços, ricos e pobres. Muita música, muita dança, muita crítica, muita alegria, muita fantasia. Apesar das aperturas da vida, nosso povo ainda não perdeu sua boa disposição para o carnaval. ¹⁴³

No ano seguinte, de 1947, o jornal *Correio do Sul* delimitou o “lugar” de cada bloco:

¹⁴¹ Acadêmico Aloísio Ribeiro – Recitado no dia 12-08-89 na quarta reunião mensal na academia santarritense de letras.

¹⁴² ABREU, Martha, MATTOS Hebe. Remanescentes das Comunidades dos Quilombos: memória do cativo, patrimônio cultural e direito à reparação. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH, São Paulo, julho 2011.

¹⁴³ Jornal O Correio do Sul. Carnaval. 10 de março de 1946, p.1.

Os bailes do Clube Santarritense iniciados ontem, serão dos mais divertidos e estonteantes da zona, tal entusiasmo reinante nos dois grandes baluartes do carnaval santarritense.: Democráticos e Ride Palhaço.

Também, nos outros clubes, como o Centro Operário e a Associação José do Patrocínio, é extraordinária a animação. Os blocos Furação e Mimosas Cravinas estão encarregados de acender a fogueira naqueles salões.¹⁴⁴

Como podemos ver, novamente os blocos Ride Palhaço e Bloco dos Democráticos aparecem como baluartes do carnaval na cidade e, apesar da rivalidade entre eles, compartilhavam o espaço do Clube Santarritense. Já os blocos das camadas populares, Furação e Mimosas Cravinas, ficam concentrados em seus salões. Em todos esses anos, as menções sobre os bailes carnavalescos na Associação José do Patrocínio foram superficiais, contudo, no ano de 1970, conseguimos ter uma dimensão mais ampla:

Carnaval da Associação José do Patrocínio

O carnaval santarritense em 70, foi um espetáculo que tornou nossa cidade animadíssima. Desde quando os blocos dos Democráticos e Ride Palhaço, acabaram sua tradicional concorrência, nosso carnaval tornou-se esquecido. Mas no ano de 69, as Mimosas Cravinas resolveram dar início ao futuro carnaval. [...] Os clubes lotaram-se, mas os foliões santarritenses, deram grande preferência ao salão da Associação José do Patrocínio. Conhecidos foliões santarritenses, ali compareceram se esquecendo das amarguras da vida e se esbaldaram a valer [...] Sem brigas e sem tumulto, a Associação José do Patrocínio, encerrou seu carnaval honroso como sempre. Aos membros da Diretoria da Associação José do Patrocínio, votos pelo êxito, em seus empreendimentos pelo carnaval formulado por vocês.¹⁴⁵

Como já mencionado anteriormente, cada grupo ocupava seu espaço na folia, o que desmistifica a ideia de uma festa popular, onde não existem diferenças. Os dias destinados ao carnaval, assim como os demais dias do ano, eram momentos em que as práticas político-culturais possuíam significados diversos para os diferentes grupos que congregavam o espaço. Nesse sentido é que a Associação José do Patrocínio, ao constituir-se como espaço para as camadas populares, estabelecia uma rede de sociabilidade e convívio importante para esses sujeitos sociais.

2.3. Alianças e negociações em meio à festividade

Pelo processo de constituição na cidade, o Mimosas Cravinas e a Associação José do Patrocínio destacaram-se entre as camadas populares e também transitaram entre a elite

¹⁴⁴ Jornal O Correio do Sul. Carnaval. 16 de fevereiro de 1947, p.1.

¹⁴⁵ Jornal O Correio do Sul. Carnaval da Associação José do Patrocínio. 08 de março de 1970, p.4.

santarritense. Em seu livro, Cyro de Luna Dias¹⁴⁶ recorda sobre Maria Bonita e a Associação José do Patrocínio, local de seus bailes:

Maria Bonita tinha um grande predomínio sobre os pretos da cidade. Ela era a alma do Bloco Mimosas Cravinas, da gente de cor, que foi o mais alegre dos carnavais de Santa Rita. Ainda hoje pareço ouvir a marcial abertura da bateria das cravinas, que punha o povo de pé. Criou a Associação José do Patrocínio, com bela sede, onde se juntam os pretos nos festivos bailes e onde dancei muitas vezes, na juventude, pois lá não havia preconceitos.¹⁴⁷

Segundo ele, Maria Bonita tinha grande importância para os homens e mulheres negros da cidade. Ao se referir ao espaço de organização das Mimosas Cravinas, a Associação José do Patrocínio, o autor diz que era “onde se juntavam os pretos nos festivos bailes e onde dancei muitas vezes, na juventude, pois lá não havia preconceitos”. Primeiramente, o autor nos traz que a Associação era um espaço de lazer e organização na cidade dos negros, mas também frequentado pelos jovens brancos da cidade, como o próprio autor, que é membro da elite santarritense. De certa maneira, era uma sociedade que limitava o divertimento dos trabalhadores negros ao espaço da Associação, uma vez que nele não sofreriam preconceitos. Afinal, como já vimos acima, em sua maioria, os jornais ao referir-se aos bailes e carnavais na associação, sempre destacaram a “harmonia” e a “ordem” do local. Ainda sobre Maria Bonita:

Falar em Maria Bonita é recordar uma presença querida por todos santarritenses, é deixar o coração aquecido, lembrando a infância, crescendo com ela, amando-a sempre.

Quem não se lembra de sua beleza, elegância e gingado nos calorosos carnavais, agitando o estandarte no bloco das Mimosas Cravinas abrindo alas?

O Mercado antigo de nossa cidade era maravilhoso por sua arquitetura, e na parte de cima, no centro, onde havia um chafariz, um bebedouro contendo água, em um reservatório em forma de um grande círculo, certa noite acolheu o Congado com os seus integrantes, liderado por Maria Bonita.

[...] As apresentações de dança de vários passos cadenciados concentrados; de sentido religioso ao som de um único instrumento: batidas fortes em um bumbo.

No final, a preta Berta, magra, alta, muito popular, estimada também, distribuiu uma bebida em uma bandeja em tigelinhas iguais. Dizia em voz alta que o “alicô” era pros brancos e a pinga pros negros...

As práticas negras continuaram a demarcar o espaço de sociabilidades das camadas populares não somente no carnaval. Além do “gingado” dos calorosos carnavais do Mimosas Cravinas, o trecho acima faz alusão ao Congado, responsável por mesclar práticas profanas e sagradas no espaço da festa. Consideradas “aceitas” pelos senhores de escravos, opunham-se

¹⁴⁶ DIAS, Cyro de Luna. Crônica das casas demolidas. Rio de Janeiro :Ágora da Ilha, 2001.

¹⁴⁷ Ibidem.105-106.

aos batuques que eram desqualificados por eles e pelo poder público.¹⁴⁸ Outra alusão à Maria Bonita:

Ela era Maria e era bonita. Ela foi, a minha a nossa querida Maria Bonita. Na certidão de nascimento era Maria Idalina, no coração dos filhos desta terra era simplesmente Maria Bonita. Maria Bonita a minha Mãe-Preta que embalou com suas mãos negras meu berço, que me amamentou passando para meu sangue a brancura do leite que vertendo do seio negro, ia, gota a gota, impregnar de amor meu ser em formação. Maria Bonita a artesã da culinária, mestra que com suave toque dos dedos transformava em quitutes saborosos o produto do seu trabalho realizado quase sempre diante do velho fogão à lenha. Trabalho abençoado o seu, realizado com perfeição, temperado com amor que se fazia vivo a cada riso estampado na face suada brilhante e querida. Sua cozinha humilde sempre iluminada pelo crepitar do fogo era como um santuário de amor e alegria que repartia com muitas crianças de carinhas pretas e olhos cheios de curiosidade e brilhantes de amor. Nos bastidores das festas, dos banquetes para políticos realizados na casa do Cel. Francisco Moreira lá estava ela e suas ajudantes preparando pratos requintados que eram servidos aos homens mais ilustres de Minas Gerais. Na Casa Paroquial durante os preparativos da Festa de Santa Rita também lá estava ela enchendo com sonora risada o ambiente e com as mãos de fadas preparando doces para os cartuchos e assados para os leilões.¹⁴⁹

Como já salientado, Maria Bonita construiu uma rede de relações sociais com os mais diversos sujeitos, entretanto, seu espaço quando não nas congadas e desfile do bloco Mimosas Cravinas, ficava restrito ao “bastidores da festa”, onde ela e “suas ajudantes” preparavam “pratos requintados que eram servidos aos homens mais ilustres de Minas Gerais”, principalmente em se tratando da propriedade do Cel. Francisco Moreira, irmão do ex-presidente da república, Delfim Moreira e que, durante muitos anos, articulou a política local. Na imagem abaixo, um desses jantares no ano de 1959, quando Carlos Lacerda e Magalhães Pinto vieram à cidade de Santa Rita do Sapucaí. Como já mencionado, a família Moreira era representante na cidade da União Democrática Nacional (UDN). Da esquerda para direita: Sinhá Moreira, Maria Bonita, Carlos Lacerda, Dalila Eugênio, Bárbara Junqueira e Magalhães Pinto¹⁵⁰.

¹⁴⁸ DIAS, P. A outra festa negra. In Festa: cultura e sociabilidade na América portuguesa. São Paulo: Edusp, Hucitec, 2001.

¹⁴⁹ Texto da professora Maria Garcia de Jesus Puentes, publicado na edição 200 do jornal “Minas do Sul”, em 14 de junho de 2003.

¹⁵⁰ Ibidem, p.60.



Imagem 20

Título: Carlos Lacerda e Magalhães Pinto em Santa Rita
 Fonte: Acervo Empório de Notícias

Essa negociação estabelecida por ela, com parte da elite, a levou a circular por espaços culturais diferentes, contudo, como vemos na fotografia acima, seu papel ainda era “nos bastidores da festa”.

Aqui mesmo, neste pequeno pedaço de mundo, recanto de tradições belas, de virtudes célicas, há quem cede ao calor da fraternidade, e dá de si mesmo, com prazer e sinceridade.

Marida Idalina é uma dessas poucas pessoas.

Descendente de pretos, tem uma grande alma branca. É mãe não somente mãe de seus filhos. Muitos que não lhe foram gerados nas entranhas, sugaram seus seios, sadios e fartos cujas reservas sempre bastaram para saciar-lhes a fome e reanimar-lhes o sopro da vida. Muitos senhorzinhos, hoje importantes, alimentaram-se de suas seivas [...] Mestre de arte culinária, sempre foi indispensável nas grandes ocasiões. Quantos homens hoje, senadores, governadores, deputados, ministros de estado, não se renderam ao sabor de seus quitutes?

[...] Participou do trabalho de construção da sede Social da Associação José do Patrocínio, e para isso, organizou festas, sendo delas, sempre a figura de primeira grandeza.

Revivendo o passado, comandava com maestria, a dança do congado, deixando-se conduzir pelos acordes da música do congo, penetrava madrugada a dentro, arrancando de todos aplausos.

Nas festas cristãs, sempre cooperou, nos assados, ou nos doces, com a mesma eficiência e entusiasmo.¹⁵¹

¹⁵¹ Jornal O Correio. Maria Bonita. 04 de agosto de 1960, p.1.

O que nos chama a atenção no texto é a consagração do termo “alma branca”. A expressão, recorrente na década de 1960, era tida como um elogio pelo autor e seus pares, mas a expressão está carregada de sentidos negativos, já que as relações raciais no período eram tensionadas e pensadas ainda através de uma “superioridade dos brancos”. Apesar de escritos com uma grande lacuna temporal, os textos de Américo Junqueira e Maria Garcia de Jesus Puentes se aproximam. Talvez pela representação que se criou em torno da personalidade de Maria Bonita: caridosa e sempre alegre, estava pronta a ajudar tanto seu semelhante como o “outro”. Ambos os textos destacam Maria Bonita como ama de leite, cozinheira e personagem central das festividades na cidade.

Assim, vemos que apesar do carinho destinado à Maria Bonita, ela ainda esbarrava nas limitações de sua cor, demonstrando como a sociedade mais ampla era constituída. Dessa maneira, era através das práticas culturais que Maria Bonita afirmava-se nesse meio, circulando entre os mais diversos espaços na cidade, muitos dos quais hierarquizados. É por isso que, analisar a atuação da Associação José do Patrocínio na cidade de Santa Rita do Sapucaí, nos ajuda a compreender as relações de convívio e formação de identidades dos diversos sujeitos sociais dessa cidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ainda hoje, mais de dez anos sem os desfiles dos blocos, a pergunta “Você é Ride ou Demo?” surge ocasionalmente em uma conversa ou outra. O saudosismo em torno do carnaval demonstra-nos que os blocos Ride Palhaço e Bloco dos Democráticos, de fato, arregimentaram a população durante seus anos de existência. Hoje a rivalidade entre eles parece mais atenuada mas os blocos ainda constam no imaginário da cidade como os “baluartes do carnaval santarritense”.

Inspirados nas tradições europeias de festejar a folia, os dois blocos foram constituídos ao longo dos anos pelo chamado desfile-espetáculo, com a presença de carros alegóricos e muito luxo. Entretanto, por conta do alto custo em manter os preparativos, muito se questionou se os blocos que alimentavam o carnaval não o teriam matado também... Afinal, foram várias as lacunas temporais nos quais os blocos não desfilaram, chegando a quinze anos, e muitas delas, estiveram atreladas às questões financeiras, pois eram blocos que contavam com o financiamento das tradicionais famílias da cidade.

Entretanto, com a pesquisa buscou-se não somente estabelecer as características e organização do carnaval da elite, mas também os festejos das camadas populares na cidade, principalmente do Bloco Mimosas Cravinas. Ao buscar esses “outros carnavais”, entendemos outras dimensões da festa que não constavam na memória oficial da cidade.

Nesse sentido, o bloco Mimosas Cravinas foi um importante aliado para refletir sobre outras maneiras de festejar os dias de Momo. O bloco representou para as camadas populares, em especial para os negros, um importante espaço de atuação político-cultural em uma cidade ainda extremamente racializada. Dessa maneira, procuramos em nossa pesquisa outros “*ecos da folia*”¹⁵² que não estavam explícitos na historiografia oficial da cidade.

Além disso, foi importante observar o espaço de organização dos negros na cidade, a Associação José do Patrocínio, que durante a segunda metade do século XX, além dos bailes de carnaval, congregou outras festividades e momentos políticos. Dessa forma, além de ajudar a suprimir a lacuna na historiografia sobre o tema, ao estudar a Associação e seus usos e práticas, pensamos no lugar ocupado pelo negro na sociedade brasileira no século XX, cenário ainda repleto de permanências do século passado.

¹⁵² CUNHA, Maria Clementina Pereira. *Ecoss da folia: uma história social do carnaval carioca entre 1880 e 1920*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

Dessa maneira, a pesquisa buscou contribuir com as discussões em torno da folia momesca e das associações negras, pensando principalmente no papel dos diferentes sujeitos no processo de constituição da sociedade. Além disso, ao estudar a região sul-mineira, buscou-se refletir sobre uma parte do país, ainda muito pouco explorada pela historiografia.

FONTES

JORNAIS

Aço Verde (1936)

Santa Rita Jornal (1932-1936)

Jornal O Correio do Sul (1934-1967)

Jornal O Correio (1968 – 1980)

FOTOGRAFIAS

Acervo Luiz Carlos Carneiro

Acervo Ronaldo de Azevedo Carvalho

Centro de Memória do Inatel

DOCUMENTOS:

- IPAC: Inventário do Patrimônio Cultural, Laudo Estado de Conservação bem tombado – complementação dossiê. Município de Santa Rita do Sapucaí. MG-ICMS Exercício de 2014.
- Registro de Personalidade de Maria Idalina de Jesus/Maria Bonita, 2013
- Estatuto da Associação José do Patrocínio
- Estatuto do Bloco dos Democráticos - Folhetos do Bloco Ride Palhaço

LIVROS

- COSTA, Jonas. A rainha operária e sua colmeia negra. Joinville : Clube dos autores, 2010.
- DIAS, Cyro de Luna. Crônica das casas demolidas. Rio de Janeiro : Ágora da Ilha, 2001.
- FONTES, Marly Barbosa. Cartas de Glorinha. Rio de Janeiro: Gráfica Forense, 1996.
- OLIVEIRA, Cônego João Eustides de (org). A Diocese de Pouso Alegre no Ano Jubilar de 1950. Pouso Alegre: Tip. Da Escola Profissional, 1950.

ENTREVISTAS

- Thereza Pereira Ribeiro, negra, 79 anos, entrevista realizada em 14/08/2013
- Jéssica Alcione Ribeiro dos Santos, negra, 37 anos, entrevista realizada em 14/08/2013
- Luiz Carlos Lemos Carneiro, branco, 70 anos, entrevista realizada em 19/03/2013

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBUQUERQUE JR, Durval M. Festas para que te quero: por uma historiografia do festejar. São Paulo: UNESP, CEDAP, v.7, n.1, p. 134-150, jun. 2011.
- BARROS, José D'Assunção. História e memória – uma relação na confluência entre tempo e espaço. *MOUSEION*, vol.3, n.5, Jan-Jul/2009.
- BRITO, Sandra. O carnaval e o mundo burguês. *Revista da Faculdade de Letras História*. Porto, III Série, vol. 6, 2005.
- BURKE, Peter. *História e Teoria Social*. São Paulo: Editora Unesp, 2012.
- CASTRO, Hebe. História Social. In: CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo. *Domínios da História: ensaio de Teoria e Metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- CASTILHO, Fábio Francisco de Almeida. *A transição da mão de obra no sul de Minas: o braço imigrante e nacional nos periódicos locais*. Jundiaí: Paço Editorial, 2011
- COSTA, Jonas. *A rainha operária e sua colmeia negra*. Joinville : Clube dos autores, 2010.
- CUNHA, Maria Clementina Pereira. *Ecos da folia: uma história social do carnaval carioca entre 1880 e 1920*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- DIAS, Cyro de Luna. *Crônica das casas demolidas*. Rio de Janeiro : Ágora da Ilha, 2001.
- DIAS, P. A outra festa negra. In *Festa: cultura e sociabilidade na América portuguesa*. São Paulo: Edusp, Hucitec, 2001.
- DOMINGUES, Petrônio, *Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos históricos*. *Tempo*, p.100-122.
- DOMINGUES, Petrônio. O “tríduo da loucura”: Campos Elyseos e o carnaval afro-diaspórico. *Revista Tempo*, vol. 19 n. 35, Jul. – Dez. 2013: 117-142.
- DOS SANTOS, Carlos José Ferreira. *Nem tudo era italiano. São Paulo e pobreza (1890-1915)*. São Paulo: Fapesp/AnnaBlume, 1998.
- FERREIRA, Felipe. *O livro de Ouro do Carnaval Brasileiro*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.
- FILHO, Hilário Figueiredo Pereira. *Glórias, conquistas, perdas e disputas: as muitas máscaras dos carnavais de rua em Belo Horizonte (1899-1936)*. Dissertação de Mestrado em História pela Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.
- FONTES, Marly Barbosa. *Cartas de Glorinha*. Rio de Janeiro: Gráfica Forense, 1996.
- HOBBSAWN, Eric. *Sobre História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- KHOURY, Yara Aun. Muitas memórias, outras histórias: cultura e o sujeito na história. In: FENELON, Déa Ribeiro et al. (org.). *Muitas memórias Outras Histórias*. São Paulo: Olho d'água, 2004

- LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos Periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi. *Fontes Históricas*, 2.ed. São Paulo: Contexto, 2008
- LUCENA, Célia Toledo. A festa (re) visitada: (re) significações e sociabilidades. *Anais do Centro de Estudos Rurais e Urbanos- CERU –USP*, 2008.
- OLIVEIRA, Cônego João Eustides de (org). *A Diocese de Pouso Alegre no Ano Jubilar de 1950*. Pouso Alegre: Tip. Da Escola Profissional, 1950.
- MATTOS, Hebe. História e movimentos sociais. In: VAINFAS, Ronaldo; CARDOSO, Ciro. *Novos Domínios da História*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.
- NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, São Paulo, dez, 1993.
- PEREIRA, Leonardo. *O carnaval das Letras: literatura e folia no Rio de Janeiro do século XIX*. 2º ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.
- PINTO, Ivon Luiz. *Pioneiros Visionários: Fragmentos da História de Santa Rita do Sapucaí*. São José dos Campos, SP: Editora ComDeus, 2015.
- POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. *Revista Estudos Históricos*, v.2, n,3 , 1989.
- RISÉRIO Antônio. Carnaval, as cores da mudança. *Revista Afro-Ásia*, Salvador, n.16, p.90-106, set. 1995.
- ROSA, Marcus Vinicius de Freitas. *Quando Vargas caiu no samba: um estudo sobre os significados do carnaval e as relações sociais estabelecidas entre os poderes públicos, a imprensa e os grupos de foliões em Porto Alegre durante as décadas de 1930 e 1940*. Dissertação de Mestrado em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.
- SCHWARCZ, Lilia M; STARLING, Heloisa M. *Brasil: Uma Biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- SILVA, Zélia Lopes da. A memória dos carnavais afro-paulistanos na cidade de São Paulo nas décadas de 20 e 30 do século XX. *Diálogos (Maringá. Online)*, v. 16, supl. Espec., p. 37-68, dez./2012.
- SILVA, Zélia Lopes. *Os carnavais de rua e dos clubes na cidade de São Paulo: metamorfoses de uma festa (1923-1938)*. São Paulo: Editora da UNESP, 2008.
- SILVA, ZL. *Dimensões da cultura e da sociabilidade: os festejos carnavalescos da cidade de São Paulo (1940-1964)* [online]. São Paulo: Editora UNESP, 2015, 213 p. ISBN 978-85-68334-54-6. Available from SciELO Books <http://books.scielo.org>.

SILVA, Zélia Lopes da. As mulheres na imagética carnavalesca na cidade de São Paulo dos anos de 1920. *Patrimônio e Memória*, v. 1, n. 2, p. 31-41. Disponível em:

<<http://hdl.handle.net/11449/107990>>.

SIMSON, Olga. Carnaval em preto e branco: comemoração e resistência étnico cultural na São Paulo do século passado. In: 34º Encontro Nacional do CERU, 2008, São Paulo: Humanitas/CERU.

SOIHET, Rachel. Reflexões sobre o carnaval na historiografia – algumas abordagens. *Tempo* (London), Rio de Janeiro, v. 7, p. 169-188, 1999.

THOMPSON, E.P. As peculiaridades dos ingleses e outros artigos. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

VON SIMSON, Olga R. de Moraes. Carnaval em Branco e Negro: Carnaval Popular Paulistano: 1914-1988. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

VON SIMSON, Olga R. de Moraes. Carnaval em preto e branco: comemoração e resistência étnico-cultural em São Paulo do século passado. 34º Encontro Nacional do Ceru, 2007.

XAVIER, Felipe Araújo. O Carnaval de Rio Novo: uma festividade e seus significados plurais (1907-1979). Dissertação de Mestrado em História, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2010.